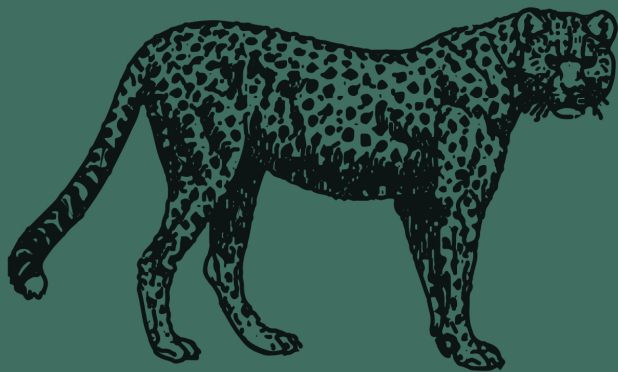
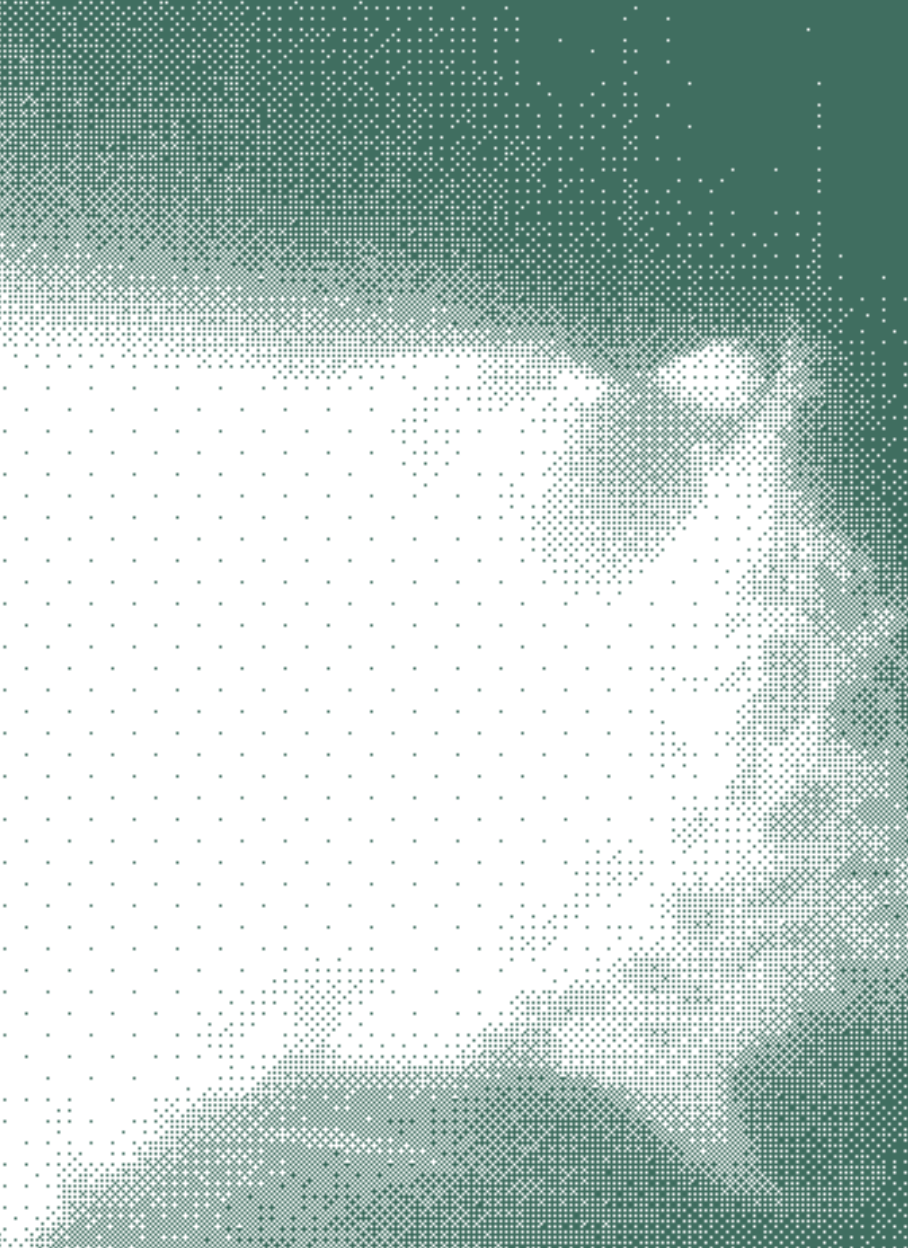


Táticas de resistência:

YNÁ KABE
RODRÍGUEZ
OLFENZA



RELATÓRIOS DA SOBREVIVÊNCIA DA ONÇA



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes - IdA
Programa de Pós-graduação em Artes Visuais - PPGAV

Táticas de Resistência: Relatórios da sobrevivência da onça

Yná Kabe Rodríguez Olfenza

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arte do Instituto de Artes da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Mestra, na linha de pesquisa Métodos e Processos em Arte Contemporânea, sob orientação da Profa. Dra. Luisa Günther Rosa.

Banca Examinadora:
Prof^a Dr^a Luisa Gunther Rosa (Presidente)
Prof^a Dr^a Maria del Rosário Tatiana Fernandez
Prof^a Dr^a Agatha Pitombo Bacelar
Prof Dr Luiz Carlos Pinheiro Ferreira (Suplente)

Brasília, 2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

RR696t Rodríguez Olfenza, Yná Kabe
 Táticas de Resistências: Relatórios de Sobrevivência da
Onça / Yná Kabe Rodríguez Olfenza; orientador Luísa Günther
Rosa. -- Brasília, 2019.
 248 p.

 Dissertação (Mestrado - Mestrado em Artes) --
Universidade de Brasília, 2019.

 1. População Travesti. 2. Arte Contemporânea. 3. Práticas
Indisciplinadas. 4. Pedagogias Transgressoras. 5.
Pensamentos Decoloniais. I. Günther Rosa, Luísa, orient. II.
Título.

Resumo

Este trabalho é uma junção entre a prática que nós criamos para resistir cotidianamente e os embates que podemos enfrentar ao usarmos a arte como um meio de transgredir a violência estrutural que permeia as instituições acadêmicas e os discursos hegemônicos em torno daquilo que poderia ser tomado como um conhecimento válido. As ideias e diálogos apresentados no formato de relatório evidenciam as rupturas das fronteiras quando arte e vida se propõem simultaneamente a lutar contra as opressões cotidianas. Este trabalho não tenta explicar nenhuma noção de “práticas indisciplinadas”, nem se propõe a ser um exemplo delas, simplesmente se apresenta como aquilo que precisou se tornar: em várias formas, pesquisa, prática e pensamento teórico foram combativos e/ou curativos. Portanto, o que está escrito aqui é um tipo de descrição das táticas subjetivas de resistência a partir das possibilidades de mudanças que a arte pode criar no cotidiano, assim como a diferença que a vida pode produzir nos modos como fazemos arte.

Palavras-chave: Travesti; Sobrevivência; Cotidiano; Indisciplina; Arte Contemporânea; Transgressão.

Abstract

This work is a combination of the practice we create to resist everyday and the engagements we can face by using art as a medium to transgress the structural violence that permeates academic institutions and hegemonic discourses around what could be seen as valid knowledge. The ideas and dialogues presented in a report style, indicates the breaks of boundaries when art and life simultaneously set out to fight everyday oppression.

This work doesn't try to clarify any notion of interdisciplinary practices neither wants to be an example of it, it simply presents itself as what it needed to become: in various ways, research, practice and theoretical thinking were combative and/or healing. So, what is written here is a kind of description of subjective tactics of resistance on the possibilities of changes art can create in the everyday, and also the difference life can make in the ways we make art.

Keywords: Travesti; Survival; Everyday; Indiscipline; Contemporary Art; Transgression.

Sumário

Táticas de Sobrevivência: entender onde dói [11]

I. Aprendendo a falar sobre coisas não-ditas [17]

Espaços da fala: um ensaio sobre coisas não-ditas e suas anatomias [19]

Meta: sobreviver [30]

A transgressão está na garra da pesquisa [31]

II. Arsenal [33]

III. Aprendendo a dominar grandes espaços [111]

Destruir uma ideia de nação [115]

1. Roteiros [117]

The need of the body [119]

35? [127]

Lugar Secreto [143]

Câmera Onça [142]

Onça Travesti [152]

2. Conversas Estratégicas [153]

Carta para Ana [155]

Resposta de Ana Matheus Abadde [163]

Imagens trocadas entre as cartas escritas [167]

Três Travestis [171]

Tática e amor [175]

IV. Documentos de práticas transindisciplinares [176]

1. Práticas curatoriais transindisciplinares [180]

Todo Espaço Entre [182]

Nenhum homem no mundo [186]

PALAVRA, ANIMAL NÃO DOMÉSTICO [192]

2. Currículo ou Mapa dos territórios da onça [200]

V. Anecdotas: anexos e outras informações [208]

Transfobias Institucionais [209]

Legendas do Arsenal [210]

Referências Bibliográficas [219]

VI. Dedico a elas esta pesquisa [222]



1.

Táticas de Sobrevivência: entender onde dói

“Não é fácil dar nome à nossa dor,
teorizar a partir desse lugar.”

bell hooks

“Àquelas de nós cuja existência social é matizada pelo terror; àquelas de nós para quem a paz nunca foi uma opção; àquelas de nós que fomos feitas entre apocalipses, filhas do fim do mundo, herdeiras malditas de uma guerra forjada contra e à revelia de nós; àquelas de nós cujas dores confluem como rios a esconder-se na terra; àquelas de nós que olhamos de perto a rachadura do mundo, e que nos recusamos a existir como se ele não tivesse quebrado: eles virão para nos matar, porque não sabem que somos imorríveis. Não sabem que nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras. Sim, eles nos despedaçarão, porque não sabem que, uma vez aos pedaços, nós nos espalharemos. Não como povo, mas como peste: no cerne mesmo do mundo, e contra ele.”¹

11

Inicialmente, este projeto visou entender a pluralidade

[1] Jota Mombaça em O Mundo é meu trauma (2017). PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 11, página 20 - 25, 2017. Disponível em <https://piseagrama.org/o-mundo-e-meu-trauma/>

da indisciplina enquanto ação cotidiana e seu potencial poético assim como a prática artística enquanto indisciplina, criando novas táticas de resistência (e sobrevivência).

12

Segui percursos que transpassam as narrativas em que me encaixo enquanto travesti, artista periférica, de família não-branca, me questionando em quais parâmetros minha prática artística se transforma em um ato de resistência e quais subjetividades e experiências cotidianas influenciaram minha(s) produção(s). Cada vez mais entendo que existe uma potência poético-política em minhas pesquisas que é tênue à relação entre (minha) vida e a arte.

Me envolvi em um pensamento de aprendizagem pela indisciplina, pensando intersecções subversivas entre cotidiano e arte, vida e nossas táticas de sobrevivência/resistência.

Precisei “aprender a dominar grandes espaços” (fig. 62); me entendendo como uma corpa que ameaça a norma hegemônica ao mesmo tempo em que é ameaçada pela práticas de extinção.

Foi preciso praticar enquanto se teorizava, e de extrema importância ir em busca de alimentar o corpo e a teoria para que ela pudesse “fazer sentido”. Mas o risco se faz necessário. Não pude abandonar a língua das minhas e me distanciar da lógica da desobediência, da insubordinação, violando diversas regras ou normas de maneira que pudessem ser colocados em primeira instância os processos curativos, libertadores e revolucionários:

13

A teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para este fim. (hooks, b., 2017, p.86)

Desinstrumentalizei a ideia que as táticas que eram levantadas diariamente para que fosse possível existir pudessem se manter em um pensamento filosófico entendendo-as de forma tátil como rupturas² transgressoras ao que pode ser a produção acadêmica. A dissidência não estaria mais apenas no corpo (em nossas corpos transvestigeneres), mas também no distanciamento das normas que encarceram e deslegitimam nossa forma de produzir conhecimento, classificando-os como não teóricos (ou não suficientemente teóricos), como aponta bell hooks

[2] Ernest Larsen (2000)

em *Ensinando a transgredir* (2017), principalmente em seu capítulo *A teoria como prática libertadora*, onde ela evidencia o problema de se entender e aplicar a teoria de uma forma instrumental:

Usam-na [a teoria] para criar hierarquias de pensamento desnecessárias e concorrentes que endossam as políticas de dominação na medida em que designam certas obras como inferiores ou superiores, mais dignas de atenção ou menos. (p.89)

14

Infelizmente, diversas situações de negligências e violências institucionais, dentre tantas transfobias no meio acadêmico e situações de “deterioração” do meu percurso nesses dois últimos anos, me levam ao momento de aplicar tais condições e situações vividas dentro da minha pesquisa: preciso negligenciar as violências impostas através de “uma metodologia indisciplinada e maliciosa. E que não deixe de ser desleal ao cânone acadêmico”³.

Sigo minha pesquisa numa atuação confusa entre os métodos necessários que venho tendo que agir com para sobreviver às condições precárias que acabam impostas a existências transvestigeneres no Brasil

[3] Jota Mombaça (2016)

(e na academia). Este trabalho está gestando práticas subversivas que possibilitem a minha existência/ subjetividade/vontade de resistir a distintas e amplas violências. Aqui faço um recorte dentro da minha subjetividade e dissidência enquanto travesti brasileiry, artista & babá, curadora e pesquisadora. O material a seguir se configura como um campo de batalha, um território de conquista meu e das minhas, entendo “a língua e a linguagem também como um lugar de luta” onde a ambição da pesquisa é “lutar para ler a si mesma⁴” considerando os “riscos de ser excluída ou capturada capturada pela lógica do saber institucional⁵”.

[4] bell hooks (2019) em *Erquer a Voz*, p.94.

[5] Jota Mombaça (2016)





I.

**Aprendendo
a falar sobre
coisas
não-ditas**

De noite pelas calçadas
Andando de esquina em esquina
Não é homem nem mulher
É uma trava feminina
Parou entre uns edifícios, mostrou todos os seus
orifícios
Ela é diva da sarjeta, o seu corpo é uma ocupação
É favela, garagem, esgoto e pro seu desgosto
Está sempre em desconstrução

Linn da Quebrada em *Mulher*

Espaços da fala: um ensaio sobre coisas não ditas e suas anatomias

Sobre as coisas não ditas

Pretender aqui, falando de forma direta, logo na primeira linha, organizar em palavras formantes de um discurso o que paira pelo mundo do pensar me faz entrar em um rota para o fracasso. Porém, não é sobre ele que gostaria de falar e sim sobre as coisas que não são ditas, sejam quais forem elas.

Estas palavras iniciais não se distanciam do meu cotidiano. Obviamente, agora, enquanto escrevo, diversas situações transpassam meu ser. O meu corpo não é só um meio funcional para minha existência, mas também uma representação abstrata dos contextos em que vivo, assim como as palavras usadas para formar este texto. Próximo a ele, meu corpo, se mantém estas palavras de forma sempre fluida, transeunte, marginal, espaço desterritorializado. Parto então do lugar onde meu corpo não será território fixo, então minha escrita também não será um pensamento fixo.

Poderia começar cerceando o que seriam coisas não ditas, logo assim concluindo, para em quem essas palavras entrarem em contato (atrído), um pacote de

interpretação. Mas sejam coisas não ditas violências, sentimentos, utopias ou abstrações, estas palavras aqui se configuram em uma formatação outra que pretende iniciar uma conversa tentando não se distanciar de ser algo inconclusivo, passível de modulações, matéria confusa; palavras sólidas, não-sólidas, maleáveis, não-maleáveis.

20

Partir deste caminho das coisas não ditas logo configura-se como um pensamento sobre o corpo, matéria viva tão confundível como identificável, pertencente às categorias das incertezas. O que não se fala, assim como o que se pretende aqui, marcando essas palavras iniciais como introdutórias, corpora-se ou irão se encorporar como um corpo propositivo e questionador; um corpo cuja anatomia se apresenta de forma inquietante. Quando penso no conjunto de palavras, no corpo do texto que em seu formato apresenta ideias, anotações, frases em contextos (e talvez fora deles) penso na importância do caminho que esse corpo que escreve percorre, simultaneamente com o corpo que lê e no já nomeado corpo do texto.

Identificar que tais inquietações são só possíveis porque pensamos em afetos, não necessariamente nos afetos que temos, mas a partir deles. O pensar, parentesco ou matéria-prima do falar, está em afetos; e

sentidas na carne, essas inquietações, produtoras de dores de cabeça, desconfortos na postura da coluna, a conhecida pedra no sapato ou pulga atrás da orelha, iniciam processos materiais dos lugares da fala. Poderia nomeá-las como devaneios ou faíscas do pensamento. Tais inquietações proporcionam de dores a prazeres (caso sejam esses diferentes entre si), visualizações e compartilhamentos de coisas que pairam, sobrevivem, existem. Coisas essas que também podem ser palavras, corpos e palavras-coisas, corpos-palavras.

21

Me aproximo da literatura, mais especificamente das cósmicas de Italo Calvino, onde o personagem Qfwfq narra suas aventuras (e desventuras) por galáxias afora. Em um dos espetaculares eventos do livro *Todas as cósmicas* (2007), intitulado *Os Anos-luz* (p. 120), Qfwfq se encontra em uma balançante inquietação quando, em sua corriqueira rotina de observar os céus com o telescópio, avista em uma galáxia distante um cartaz escrito “eu te vi”. Rapidamente Qfwfq faz o cálculo das distâncias entre sua localização e a galáxia avistada chegando ao número de cem milhões de anos-luz. Sem poder se certificar a qual evento o cartaz se referia, ou exatamente quais seriam as intenções de quem havia colocado o cartaz, Qfwfq se alonga em diálogos internos diante de suas inquietações cósmicas. Não demora para que outros cartazes sejam avistados pelo

personagem em diversas outras galáxias, levando-o a pensar constantemente sobre o que se é, o que se foi e o que vem a ser sua identidade para além do cosmos. Tais devaneios, inseguros e desconfiados, que passam pela cabeça de Qfwfq são moldados pelas coisas que os cartazes omitem, que parecem persegui-lo ao mesmo tempo em que o fazem pensar em muitas situações sobre o que está sendo dito acerca do cartaz “eu te vi” em outras galáxias. Para além dessa sua preocupação egocêntrica, é interessante pensar que uma pulsão surge a partir do momento em que se entende que nada será explicitado ou dito. Em algum lugar das coisas não ditas, existe uma chama que pulsa para o movimento.

Sobre as anatomias do não falar

Assim como o personagem de Italo Calvino, esbarro em um termo nos espaços virtuais da internet chamado *Espaço Morto Anatômico* descrito como espaço que “compreende as regiões do trato respiratório onde não ocorrem as trocas gasosas, a saber, cavidade oral e nasal, faringe, laringe, traqueia, brônquios e bronquíolos, menos os bronquíolos respiratórios, onde já se percebe alguma troca gasosa” (ABPFISIO, 2014). E como quem se inquieta com um cartaz localizado há cem milhões de anos-luz em outra galáxia, não me prendo a essas informações de maneira científica e

rígida. Esbarrar com o “espaço morto” me movimentou para pensar sobre os espaços da fala, esses que acabam por se moldar pelos silenciamentos e coisas as quais eu e outros não dizemos.

Questões entre os espaços físicos do corpo o qual o ar não alcança durante os processos respiratórios, denominados espaços mortos, se misturam com o próprio anseio de falar, aproximando essas estruturas anatômicas da imensidão do cosmos das palavras. Penso no lugar onde o silêncio ocupa pela incapacidade forjada pelos contextos que nos cercam, que insistem em moldar um tipo de fala específico como válida. Enquanto respiro fundo tentando encontrar com o corpo os limites que formam os espaços mortos (fig. 15, 16 e 18) no meu corpo, me aproximo do texto da artista e escritora Grada Kilomba (2016), *Quem pode falar?*¹, que descreve um importante questionamento sobre o que é considerado conhecimento científico e quem detém o poder da fala. Kilomba então aponta:

Qualquer acadêmico que não seja conivente com a ordem acadêmica dominante tem sido rejeitado continuamente e encarcerado no lugar do que não se constitui como ciência “crível”. Assim como esse fato revela a inadequação dos acadêmicos dominantes em relação, não apenas aos sujeitos marginalizados, mas também das nossas

[1] Disponível em: <http://www.pretaenerd.com.br/2016/01/traducao-quem-pode-falar-gradakilomba.html>

experiências, discurso e teorizações. Ciência é, nesse sentido, não apenas um estudo apolítico da verdade, mas a reprodução de relações de poder racializadas que definem quem conta como verdade e em quem devemos acreditar. Os temas, paradigmas e metodologias do academicismo tradicional - reunidos sob o conceito de Epistemologia - refletem simplesmente os interesses políticos da sociedade branca. (KILOMBA, 2016)

24

Para além de uma escrita acadêmica, me volto para o lugar da fala em seus espaços cotidianos. Então me escuto, sinto o ar que percorre os meus silêncios, penso nos racismos velados que sufocam os corpos negros e não-brancos diariamente, penso na transfobia internalizada e institucionalizada em nossos afetos, na misoginia transformada em condutas naturalizadas. Partir dos lugares no qual a dor só pode gerar silêncio, assim como os lugares que o ar não alcança e logo são denominados espaços mortos, me faz pensar em como preenché-los e torná-los visíveis. Gostaria de indicar em matéria a área em que o ar circula, dança em formato de nó na garganta de tantos corpos detentores do poder de não falar. Quais as táticas necessárias para que esses corpos não cansem diante a longas e profundas ações do respirar? Pergunto como quem espera ouvir do corpo do texto uma resposta e noto a partir de minhas próprias vivências a necessidade de falar (e escrever) o indizível (e invisível) ao discurso hegemônico. Os

então nomeados espaços mortos se tornam anotações em meu corpo, que resiste às violências, discorrem um texto diferente daquele possivelmente exigido enquanto conhecimento científico. Podem outras configurações, antes apagadas mas agora em ressurgência, moldar os espaços em que ocupam? Um corpo que se constrói diariamente enquanto ação, pensamento e matéria inicia um diálogo de contra-fluxo que, mais do que resposta, propõe e deseja perguntas. E deste lugar, de mulher travesti, não-branca, pobre, firmo em mim a necessidade de trabalhar com minhas subjetividades e minha produção de conhecimento, e possivelmente moldar (tirar um molde) desses espaços nos quais forcem meu corpo a não dizer.

25

Caso esses nossos corpos cansem, é possível tornar tais espaços mortos em matéria sólida e esculpi-los através do cansaço? Podemos pensar agora nos espaços vazios da fala como espaços escultóricos? Podemos levantar os espaços vazios às falas como espaços esculpidos socialmente por aqueles que não deveriam falar, expondo assim o silêncio enquanto matéria rígida e branca, passível de extração com ações brutas de ferramentas afiadas; o silêncio enquanto mármore.

Falar sobre as coisas não ditas

26

No livro *As palavras e as coisas* do filósofo francês Michel Foucault, mais especificamente no capítulo quatro, nomeado *Falar*, Foucault discorre sobre o verbo ser como ‘sendo um misto de atribuição e de afirmação, cruzamento do discurso com a possibilidade primeira e radical de falar’ (1999, p.115). Essa potência poderia ser exemplificada com a importância que o uso do nome social e do artigo feminino para mulheres trans e travestis e o masculino para homens trans, lugar transformador para o desenvolver de uma voz a nossos corpos, conseqüentemente de uma existência. O nome, este dito e escrito, o pronome, este notado e expressado, proporciona o direito de nos tornarmos ser.

Me parece impossível não ouvir tocando em meus ouvidos a música *Say My Name* das Destiny’s child, famoso grupo de r&b dos anos 2000 liderado pela cantora Beyoncé. Esticando um pouco sua letra para uma associação ao lugar do nome para pessoas trans, revisito o seu refrão com um novo olhar. Quando Beyoncé repete:

Diga meu o nome, diga meu o nome
Se ninguém está perto de você
Diga “Baby, eu te amo”

Se você não estiver de joguinhos
Diga meu o nome, diga meu o nome
Você está agindo meio estranho
Não está me chamando de amor
Por que a mudança repentina?
(...)
É melhor dizer o meu nome²

Pensar nos silêncios e nos espaços da fala no qual o dizer é transformador, também é encontrá-los acidentalmente pelas ruas, livros e músicas etc, quando podemos entender que exigir outras configurações em tais processos iniciaram falas vindas de lugares distantes desses que nos calam, não nos nomeiam, não nos dão direito de existir. Lugares que não cantam say my name com a força que emana em exigir que digam o seu nome.

Poderia então propor com todas essas palavras, contadas e amontoadas de forma ocidental, um fazer-se dizer e fazer-se escutar diante de outros espaços da fala, iniciando uma alfabetização outra, com um novo e incendiário abecedário que percorreria seus caminhos diversos guiado pelo ar, o vento, esse que também é incapaz de ocupar todos os espaços em nosso corpo enquanto o mesmo se esforça para respirar, abrindo

[2] Tradução livre de Say My Name do grupo Destiny's Child, 1999, do álbum *Writings on the Wall*

assim mais espaços enquanto (re)inicia pela queimada o processo de vida. Falar sobre as coisas não ditas poderia se tornar um canto de chamadas, formulando da voz novas letras e assim novas palavras. Palavras potentes de abrir queimadas em lugares que só o fogo, gerado e guiado pelo ar, poderia alcançar.

Quais seriam as letras que preencheriam os espaços agora cheios de cinzas, em vastos mantos negros? Sobre quem e o quê esse abecedário formaria, enquanto conjunto de símbolos e formatos subjetivos? Não como um mito da fênix, mais como diários acidentes nas serras áridas dos silêncios, ou silenciamentos.

De forma inconclusiva, estas palavras se aproximam de pensamentos-queimadas, das inquietações que surgem de um simples artigo e pronome, como na existência da letra “A” ou na palavra “Ela” ou até mesmo na palavra “Mulher” e “Traveca” enquanto verbo, a partir do diálogo que a artista trans Tertuliana Lustosa faz com a filósofa Simone de Beauvoir ao escrever em seu *Manifesto Traveco-terrorista*: “Não se nasce mulher, torna-se traveca” (LUSTOSA, 2016, p.395)

A matéria se disponibilizaria como voz, ar, fogo, em uma ação conjunta ao pensamento poético. Ou além, para o fazer poético, tomando partido dos espaços da fala com gasolina para novos incêndios. Este aglomerado

de propostas se apresenta como lugar necessário à combustão, onde o ar se força a tomar corpo para que a chama exista e marque no chão as coisas não ditas e suas anatomias.

Meta: sobreviver

Objetivo principal: inserir-se após o término da graduação no meio de pesquisa de nível de pós-graduação. O tema se envolve entre a indisciplina e o cotidiano. Será necessário conquistar o direito à bolsa de pesquisa para que os processos da hormonização sejam custeados e que seja possível alimentar a si e outras. É essencial lutar pelo direito ao lar, subvertendo um parâmetro de vulnerabilidade e exigindo do sistema universitário, ferramenta de revolução social e propulsora do pensamento crítico, que ele aja como provedor de possibilidades de proteção e oportunidade para a população travesti.

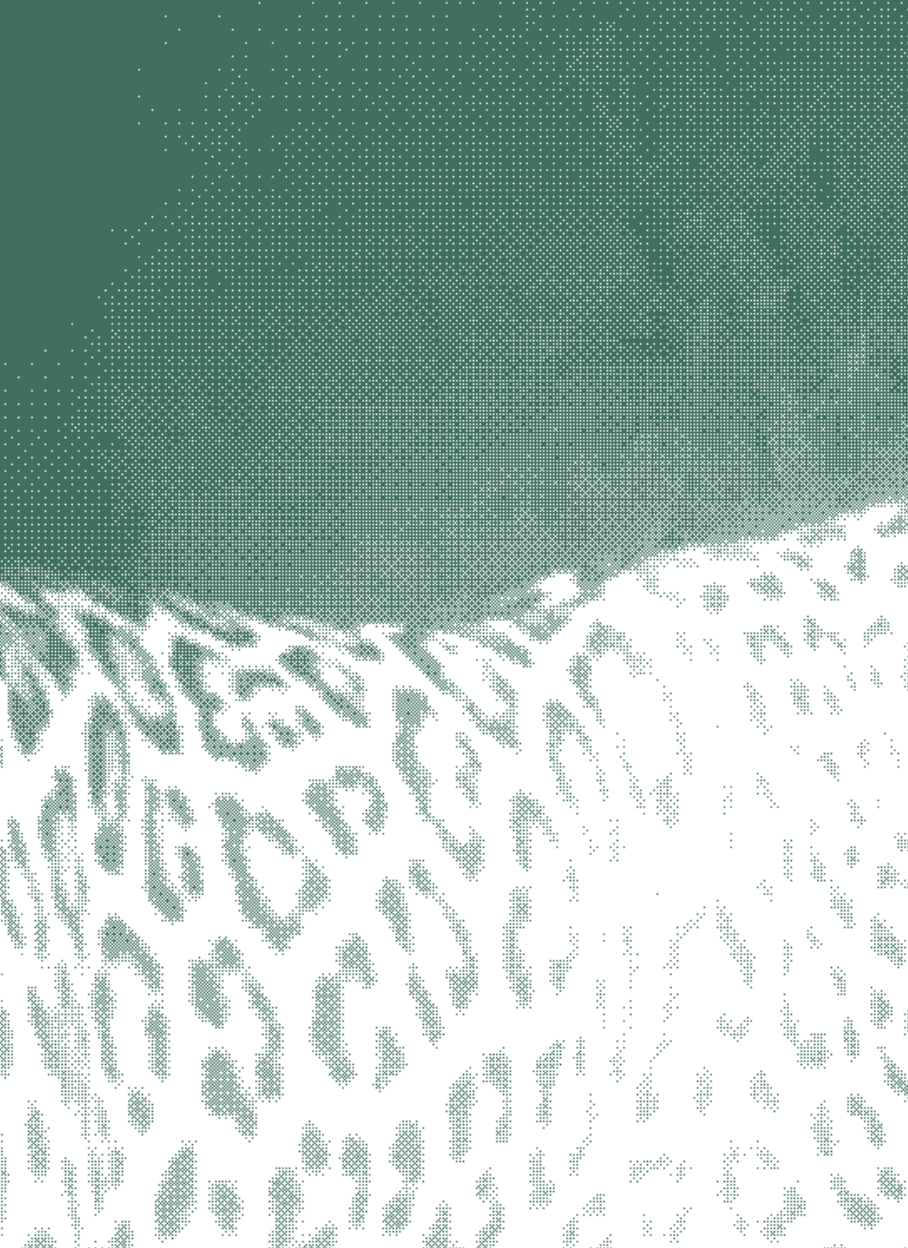
A transgressão está na garra da pesquisa

Hoje enfrento a dificuldade de conseguir elucidar, ou expor, todas as dificuldades que enfrentei durante meu tempo na pós-graduação. Propor uma metodologia indisciplinada, visando uma coerência com dissidência da minha corpa travesti me proporcionou um percurso com barreiras que, ingenuamente, imaginei estarem distantes das possibilidades que o mestrado iria proporcionar.

Sobreviver sempre foi a meta principal, porém as propostas de pensamentos teóricos no meu pré-projeto não circulavam ou sequer me prepararam para enfrentar as violências que tanto insisti (e insisto) em combater. Aqui não tento desvalidar o potencial que a teoria tem de transformar e auxiliar o pensamento crítico junto de uma prática combativa nos meios acadêmicos e, principalmente, no cotidiano.

De fato, o que aprendi em teoria e prática, a partir do esfolamento de pesquisa, é a importância que o pensamento teórico crítico tem em auxiliar os processos de resistência em situações onde habitam a impossibilidade de transformação de uma situação de violência em subversão combativa.

De forma crucial, aprendi que minha própria corpa produz conhecimento, que constantemente estamos passando a visão uma para as outras, ensinando a transgredir (estamos insistindo no amor quando só nos oferecem violência / estamos construindo novas possibilidades de vida em uma país de políticas genocidas).





II.

Arsenal

Aqui estão organizados trabalhos meus e de outras artistas, assim como outras imagens importantes, que se configuram para minha pesquisa como material de poder e luta, compondo um arsenal não só teórico e artístico mas também afetivo. Entende-se que as práticas aqui apresentadas carregam sua potência crítica/transgressora em si mesmas e suas contribuições para as trajetórias de minhas práticas enquanto travesti ArtistaBabáCuradoraPesquisadora transpassam para além de processos artísticos não se dissipando/separando das minhas vivências e subjetividades em relação ao mundo.

Das poéticas incendiárias; dos preparativos para a guerra aos processos de cura; este arsenal é potência de vida. Juntas protagonizam um capítulo central, torácico, capaz de exercer o peso necessário para que as passadas fiquem marcadas no solo. São teorias, táticas e práticas, simultaneamente, em um só golpe, apontando para o potencial que a arte contemporânea tem de transformação social quando esta se aproxima do cotidiano e suas questões.

THE COLONIAL WOUND
STILL HURTS

THE POST-COLONIAL
WORLD
DOESN'T
EXIST

WORLD





4.



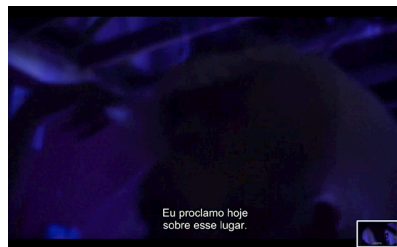
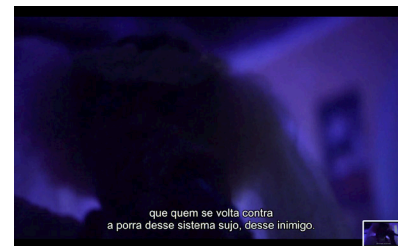
5.

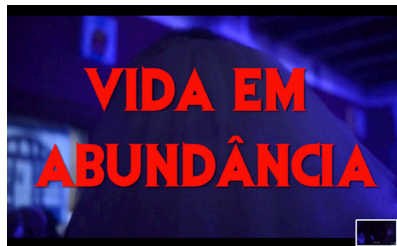
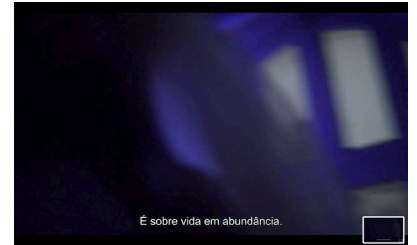
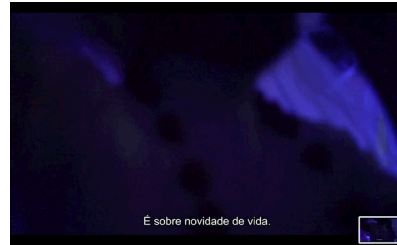
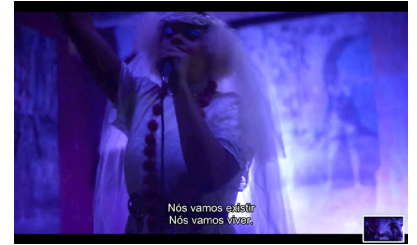


6.



profecia de vida









13.



14.





19.



20.



21.



22.



23.









30.



31.





33.



34.



É preciso prestar atenção: tenha cuidado com as travestis do Brasil.

As travestis do Brasil estão sendo caçadas diariamente; elas precisam de proteção!
Os assassinatos de pessoas trans no país, em 2018, alcançou o número de 163 homicídios. Em 2017, esse número atingiu 179. Os dados foram registrados pela Associação Nacional de Travestis e Pessoas Trans (ANTRA).

Para a população
PROTEÇÃO & OPORTUNIDADE
travesti brasileira

"De acordo com a ONG Transgender Europe, o Brasil é a nação com o maior número absoluto de homicídios de pessoas trans. Entre 1º de janeiro de 2008 e 31 de dezembro de 2016, 938 assassinatos foram relatados no país. A organização reúne dados de instituições locais, como a Rede Trans Brasil. Os homicídios transfóbicos em território brasileiro representam 40% do total de 2.343 assassinatos notificados nas 69 nações que são monitoradas pelo projeto europeu. Os casos do Brasil também são 51% do total de 1.834 mortes nas Américas (Sul e Central)."
(nacoesunidas.org)

QUEM PROTEGE AS TRAVESTIS NO BRASIL?

A expectativa de vida da população brasileira é de 76 anos, porém para as transexuais e travestis é de 35 anos. O Brasil é o país que mais mata trans e travestis no mundo. São um total de 369 homicídios de transexuais e indivíduos não-binários, indicando um aumento de 44 casos em comparação com a pesquisa do ano passado e de 74 casos com relação a 2016.

VIOLÊNCIA CONTRA A POPULAÇÃO TRAVESTY DEVE SER COMBATIDA À GARRA!

35.

No Brasil, foram contabilizadas 179 mortes, em 2017, e 136, em 2016, em ambos os anos o país ocupa o primeiro lugar no ranking de assassinatos.

Quem protege as travestis do Brasil?

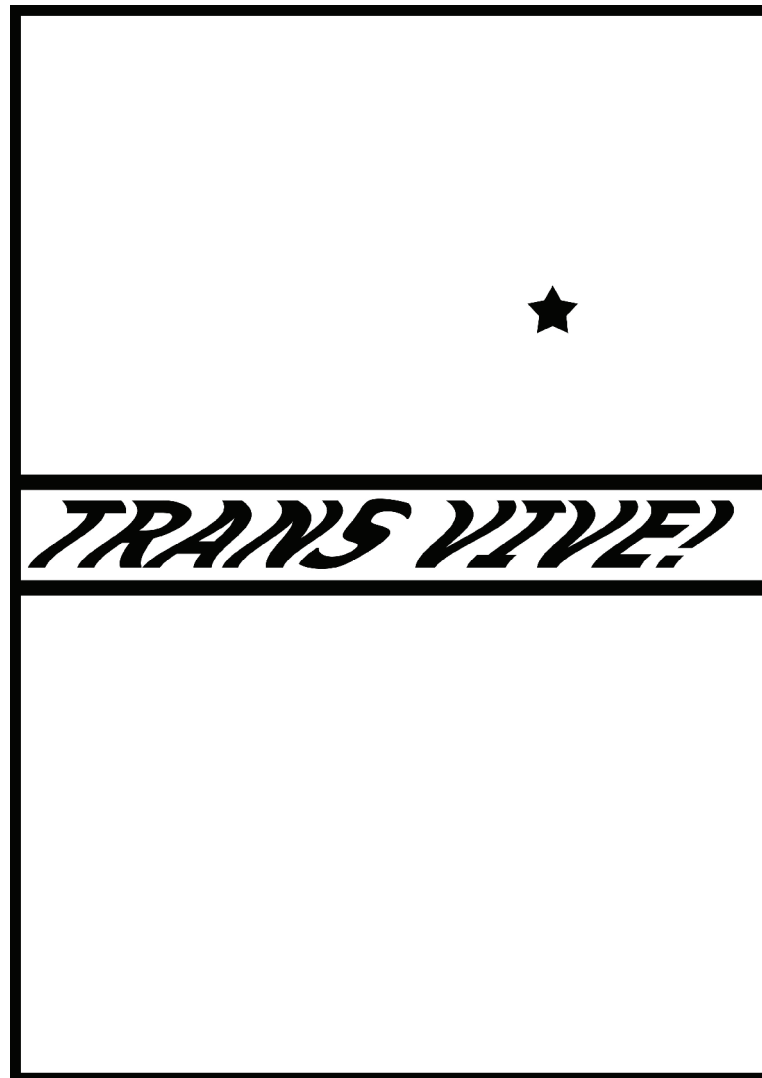
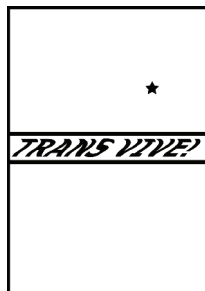
Travesti é uma identidade latino americana. Travesti é ser brasileiro. Atenção, a população travesti está sendo dizimada do território nacional. É urgente que sejam aprovadas políticas de proteção de nossa população travesty! Em 2017, 97% dos ataques foram contra travestis e mulheres trans, 82% são pretas ou pardas e 60,5% tem entre 17 e 29 anos.

30% dos 163 crimes cometidos em 2018 não foram noticiados em nenhum veículo de comunicação, 15 casos tiveram os suspeitos presos, o que representa 9% dos casos. (ANTRA)

53% foram cometidos com armas de fogo, 21% com arma branca e 19% por espancamento, asfixia e/ou estrangulamento. Oito em cada 10 crimes apresentaram requintes de crueldade.



A idade média das vítimas dos assassinatos em 2018 é de 26 anos. Ainda segundo o levantamento, 65% dos crimes foram contra mulheres trans profissionais do sexo e 60% deles aconteceram nas ruas. De acordo com dados levantados pela Antra, 90% da população de travestis e transexuais utilizam a prostituição como fonte de renda e subsistência, devido à baixa escolaridade provocada pelo processo constante de exclusão escolar e familiar vivenciado por essas pessoas desde muito cedo."
(buffpostbrasil.com)



36.



TRAVESTI É
S E R
BRASILEIRY

HOJE



**É O DIA NACIONAL DE PROTEÇÃO
DAS TRAVESTIS NO BRASIL**

CUIDADO



A POPULAÇÃO TRAVESTY ESTÁ EM PERIGO DE EXTINÇÃO; O BRASIL É O PAÍS QUE MAIS MATA TRAVESTIS!

CUIDADO



O PAÍS BRASIL VAI DIZIMAR A POPULAÇÃO TRAVESTY DE SEU TERRITÓRIO!

ATENÇÃO



**QUEM PROTEGE AS
TRAVESTIS DO BRASIL?**

ATENÇÃO



**QUEM PROTEGE AS
TRAVESTIS NO BRASIL?**



43.



44.



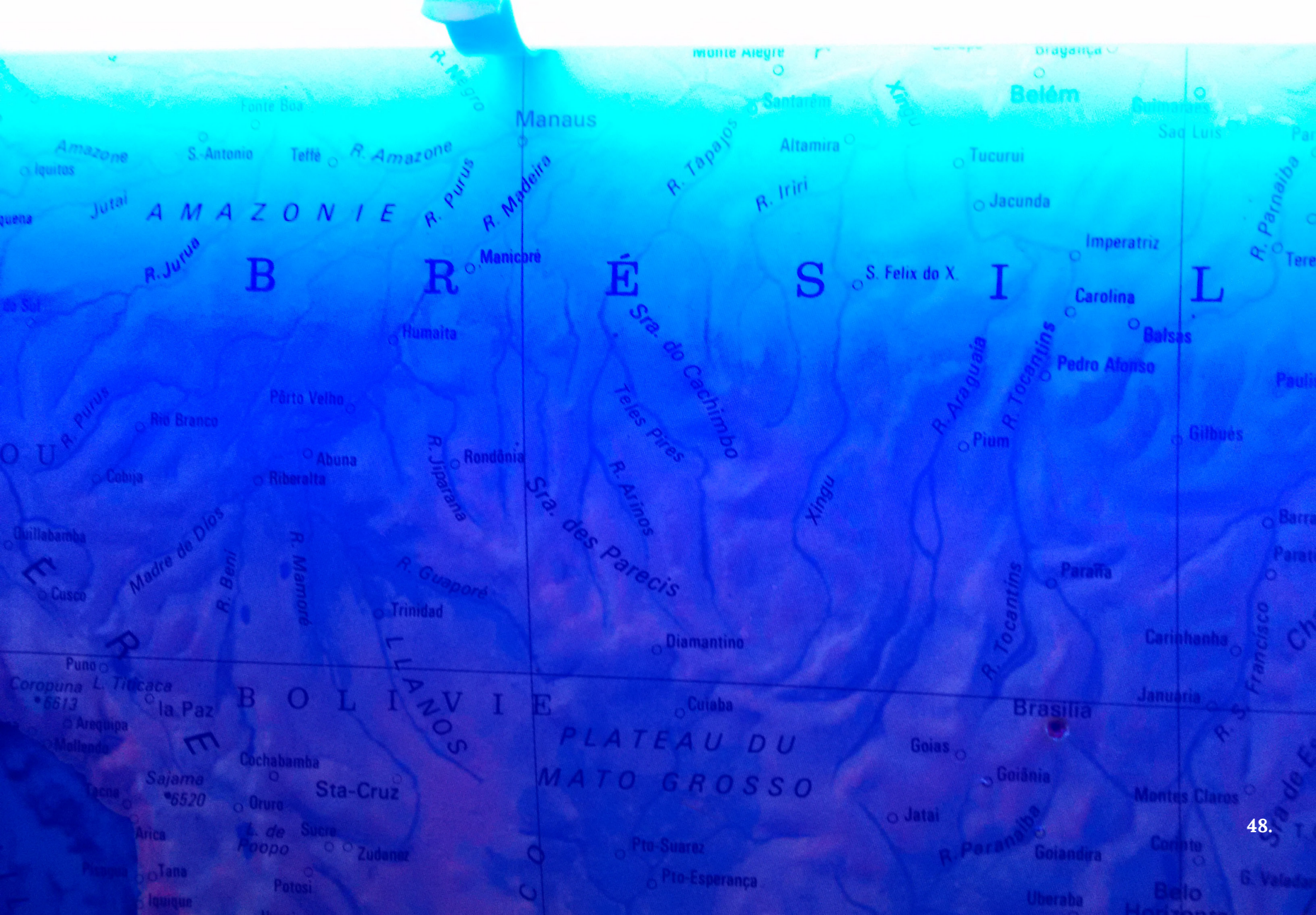
45.



46.



47.





NENHUMA DIREÇÃO A
NÃO SER AO CENTRO



ESCOLA
DE ARTES
VISUAIS DO
PARQUE LAGE

Monumento-documento à presença (Contrato ético)

"Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos.

Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, estraindo-me do mundo, me entregou ao mundo. Mas, no novo mundo, logo me cheguei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, finou-me como se fizesse uma solução com um estabilizador. Fiquei fútil, euigi explicações. Não adiantou nada. Explodi. Aqui estão os faróis reunidos por um outro eu.¹"

(Frantz Fanon, em *Pele negra, máscaras brancas*)

Na exigência de **repensar a socialização** e investigar as circunstâncias e contingências de **habitar territórios não-seguros** nesse caso específico a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, levei a cabo uma pesquisa que visa tornar claro impressões tidas como vagas e incertas – isto porque advém do conhecimento das **sensações** tão desvalorizado dentro da ciência do Ocidente. A pesquisa foi realizada com a colaboração de Juliana Machado e Rúbia Luiza, responsáveis pelo Memória Lage – setor da EAV Parque Lage que busca dar conta da memória material e imaterial da escola fundada em 1975. Coletou-se e investigou-se dados dos últimos 5 anos (2014-2018) no que diz respeito a (1) exposições realizadas nos espaços da escola, assim como (2) os artistas convidados a participar e (3) seus respectivos curadores e assistentes. Investigou-se também a (4) lista de professores oficiais da escola nos últimos 5 anos.

A pesquisa tem o seguinte fim: **quantificar e expor** o número de negrxs que já expuseram como artistas convidados pela escola, negrxs que articularam as curadorias dessas exposições e, por fim, negrxs que estão presentes no corpo pedagógico (leia-se aqui professores oficiais) da instituição nos últimos 5 anos. Ela se dá em dois momentos: 1º. a busca de dados, listas, documentos e registros oficiais e/ou extraoficiais através do site www.eavparquelage.rj.gov.br/memoria/, página do Facebook EAV Parque Lage e trocas de

¹ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*; tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

- 2019 devem ter curadores e/ou assistentes de curadores negrxs (cis e trans);
- VII. A direção da escola deve se comprometer com a ampliação do acervo de livros da biblioteca da EAV Parque Lage no que diz respeito a artistas negrxs (trans e cis), da diáspora africana, brasileiros e estrangeiros;

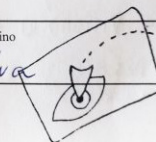
Rio de Janeiro, 16 de Dezembro de 2018

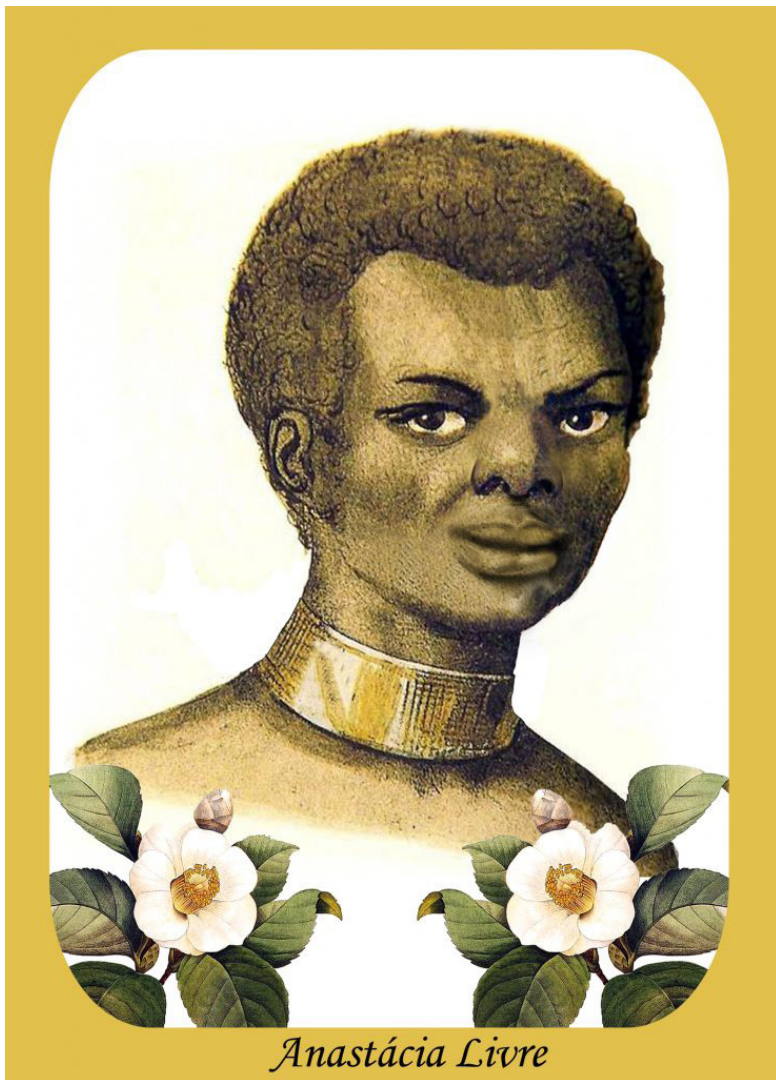
Fábio Szwarcwald – Diretor

Ulisses Carrilho – Curador

Keyna Eleison – Supervisão de Ensino

Yhuri Cruz da Silva
Yhuri Cruz – Artista





Anastácia Livre

Oração à Anastácia Livre

Festa dias 12 e 13 de Maio.
Comemora-se todos os dias 12 e 13.

Se você está com algum PROBLEMA DE DIFÍCIL SOLUÇÃO e precisa de AJUDA URGENTE, peça esta ajuda a Anastácia Livre.

ORAÇÃO

Vemos que algum algoz fez da tua vida um martírio, violentou tiranicamente a tua mocidade, vemos também no teu semblante macio, no teu rosto suave, tranquilo, a paz que os sofrimentos não conseguiram perturbar.

Isso quer dizer que **sua luta** te tornou superior, **conquistaste tua voz**, tanto que Deus levou-te para as planuras do Céu e deu-te o poder de fazeres curas, graças e milagres mil a **quem luta por dignidade**.

Anastácia, **és livre**, pedimos-te ... roga por nós, proteja-nos, envolve-nos no teu manto de graças e com teu olhar bondoso, firme e penetrante, afasta de nós os males e os maldizentes do mundo.

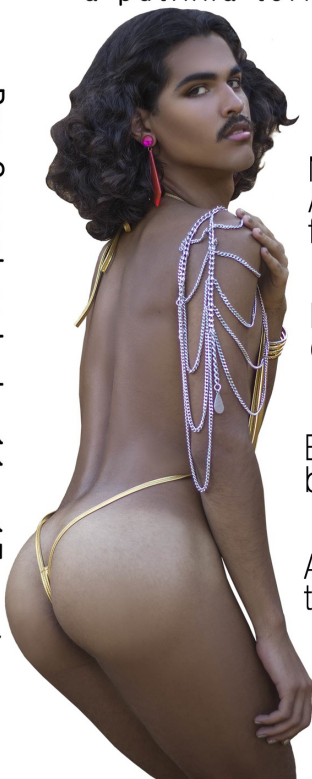
Monumento a voz de Anastácia
Yhuri Cruz, 2019



Lyz Parayzo

a putinha terrorista

Rua Gonçalves Ledo, 11 e 17 centro



Morena Sensual,
Anal, oral, tudo s/
frescura.

Deliciosa, carinhosa
chupetinha perfeita.

Bumbum empinado,
bem safada.

AC/ cartão
tx \$100,00

(21)2222-1651

Lyz Parayzo

mesticinho de programa

Av. Paulista, 1578 - São Paulo, Brasil



Menino ou menina? Apenas
dois espíritos a sua disposição

Mulatinha dos singelos e
pequenos peitos bonitos

Pardinha, magrinha e levinha
como uma folha de papel

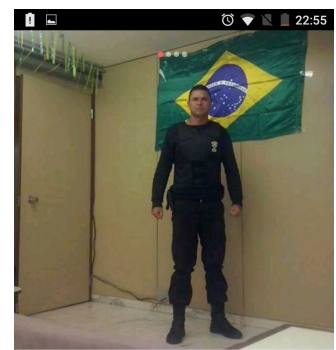
Cabocla da bunda grande e
cusseta apertada

Cafuza da perna grossa e dos
labios de mel

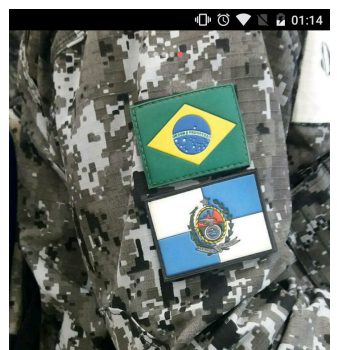
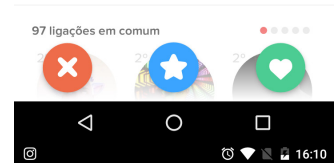
Morena quente como os
trópicos de Capricórnio

Discreta, educada, lightskin
quase branca

(11)3149-5959



Ccardoso, 30
 Eu, Seine-Maritime
 14 km de distância



Diogo, 28
 20 km de distância

a.

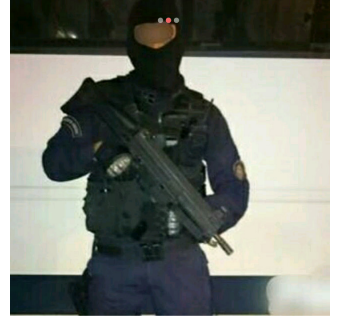
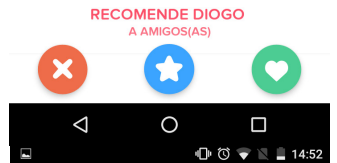
97 ligações em comum



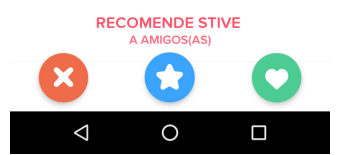
Fabricio, 34
 Servidor público

c.

b.



Stive, 28
 8 km de distância



d.









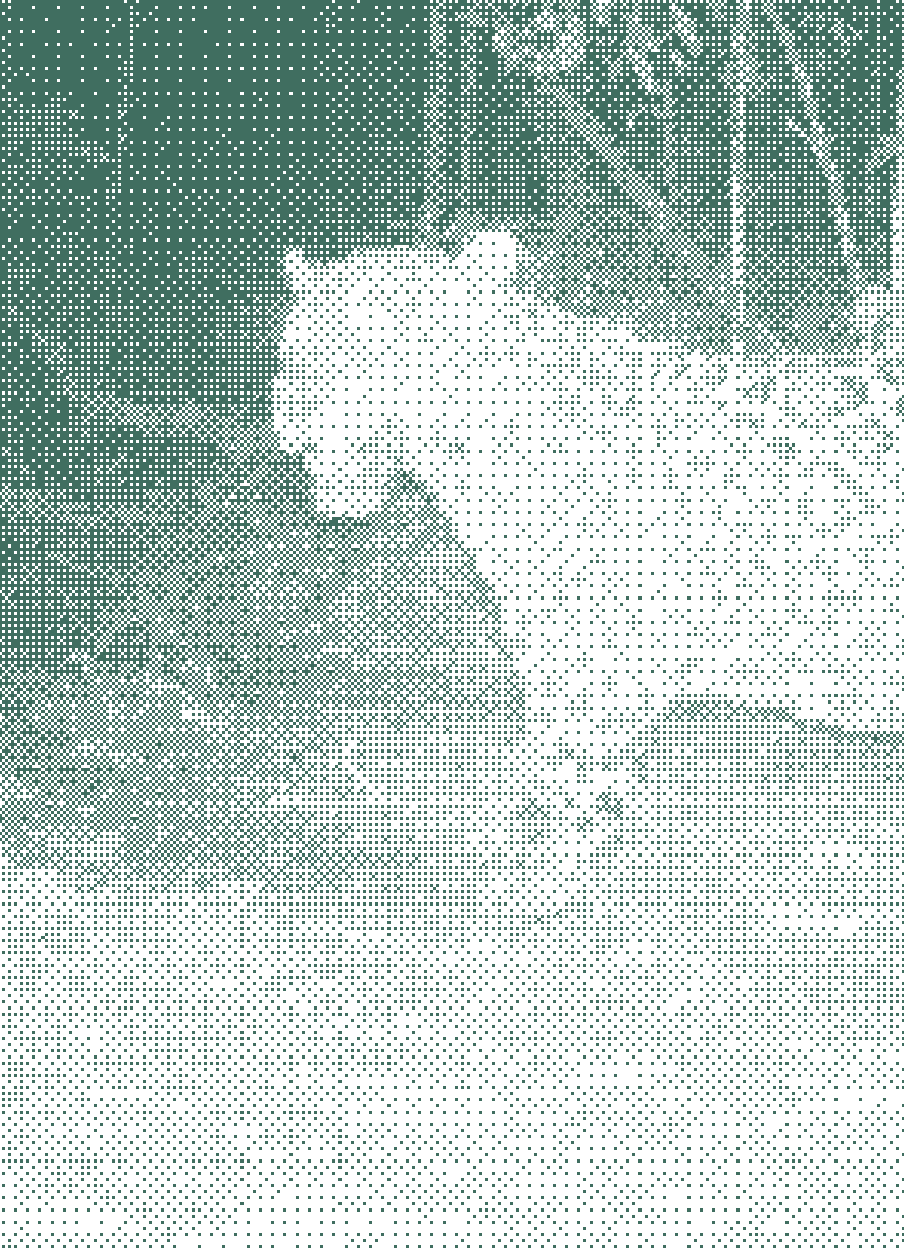


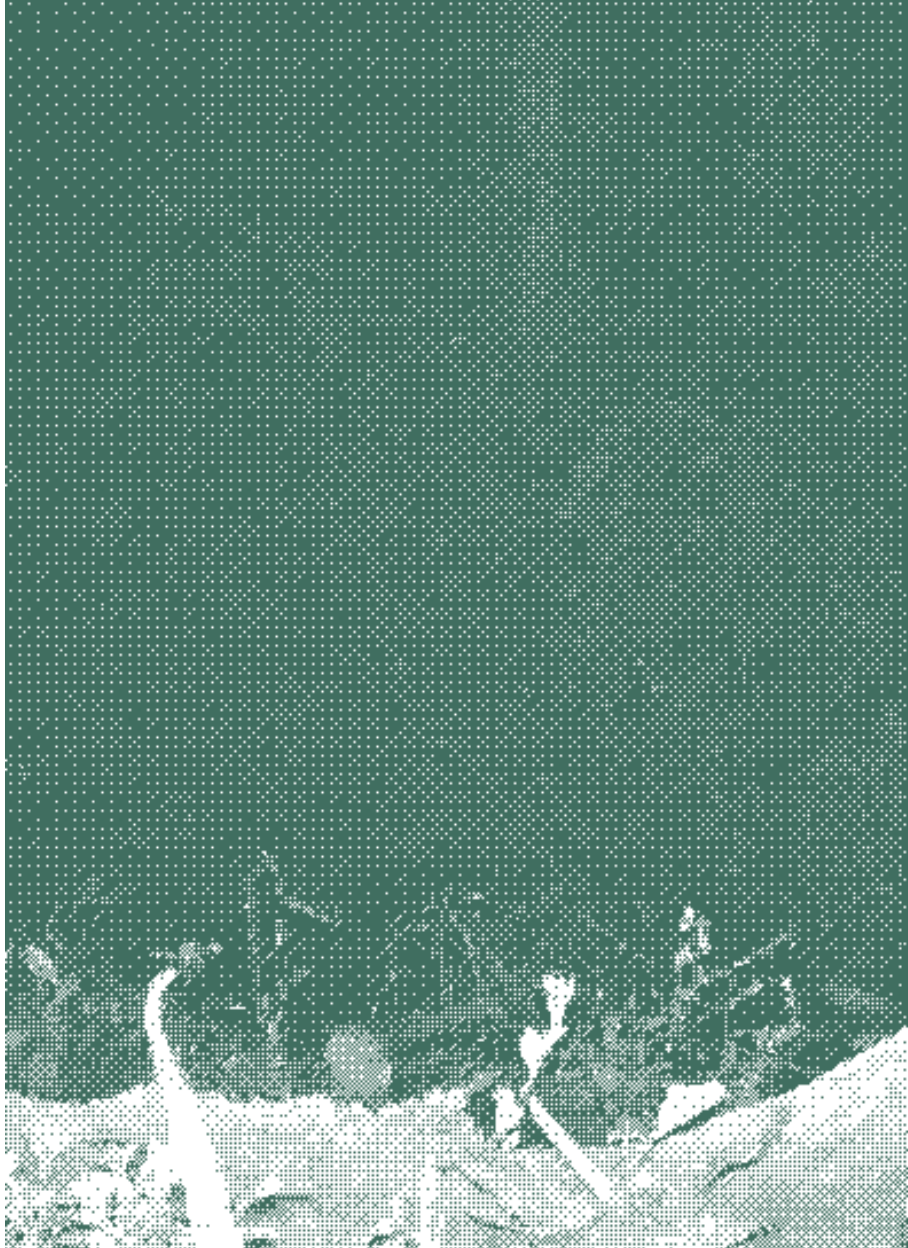


5-9-2010
9:47:04AM









III.

**Aprendendo
a dominar
grandes
espaços**

“Abençoada sejas se abusam de você ou te perseguem, isso significa que você traz a mudança. E abençoados aqueles que te perseguem também. O ódio é o único talento que têm, e não vale nada. E a mudança vai chegar de qualquer maneira. E, um dia, o mundo será livre.”

Jo Clifford, em *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu*

“É como estar diante da morte e permanecer imortal
É como lançar a própria sorte e não ter direito igual
Mas eu resisto, eu insisto, eu existo
Não quero ter o controle de todo esse corpo sem juízo

Um corpo sem juízo que não quer saber do paraíso
Mas sabe que mudar o destino é o seu compromisso”

Jup do Bairro em *Corpo Sem Juízo*

Nomeado a partir de um fragmento de fala do documentário “Lugar Secreto” que produzi este ano, este capítulo também constrói uma narrativa delas, uma ambientação das trajetórias das feras. São conversas que mapeiam estratégias de sobrevivência, constroem novas perspectivas transvetigeneres. Aqui nossas trocas e articulações para manter nossas corpos vivas se apresentam como ações para resistência, entendendo que a linguagem, como aponta Bell Hooks (2019) em *Erguer a voz*, é também um lugar de luta. Nossos desabafos, questionamentos e desaquendações produzem teoria diariamente, transformando nossas vivências em constantes forças de transgressão/transformação de limites entre a produção teórica (acadêmica) e nossas vivências (cotidiano), uma vez que

o conhecimento, para ser legítimo enquanto tal, precisa ceder a uma série de investimentos normativos que procuram regular desde a indagação que o move até as formas como organizamos nosso texto e a entonação da voz que devemos empregar ao lê-lo.¹

As vozes anasaladas, as expressões do Pajubá, a escrita encarnada e assumidamente autoral reivindicam

[1] Jota Mombaca. *Pode um cu submisso falar?*, 2015. Disponível em <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>

seu lugar na construção dos possíveis, e ao fazê-lo não o fazem segundo métodos tradicionais, porque necessitam produzir um rasgo profundo, que permita aos pensamentos degenerados (não necessariamente escritos sob a forma de um artigo, ensaio, monografia, nem pronunciados como defesa, comunicação ou palestra) superarem, como na atitude poética de Gloria Anzaldúa (2009) em *Como domar uma língua selvagem*, a tradição do silêncio.

Destruir uma ideia de nação

Das bandeiras de sangue, uma enorme bandeira azul que anuncia que o país afundou no oceano Atlântico. Retirar da trama da bandeira todas as noções que um território em guerra pode ter tido o tempo para construir um pensamento coletivo de nação. Se é esta nação que segue condizente e atuante em suas violências, que ela abrace o seu fim. Para que nossas amigas possam ensinar a eles o cuidado que exigem as feridas. Limpar do pano sangue.

É necessário parar de aterrar a terra com o sangue delas (fig. 2).

As medalhas de honra irão para aquelas que agora ameaçam a nação. Aterrorizam uma ideia de passado que se mascara de país. Urge delas a necessidade de agir, atacar. Impeçamos que eles nos tragam desgraça.

Se somos participantes deste projeto de nação, portadoras de uma nacionalidade marcada pela constante perseguição as nossas corpos transvestigeneres, podemos reivindicar de forma direta e objetiva nosso território neste país. Onde estão as travestis no Brasil?

O abuso que sofremos nessa relação de brasilidade &

travestilidade nos põe em uma meta de transformar nossa realidade em melhores condições e potências de vida. São novos regimes cientes e dissidentes aos regimes hegemônicos. São territórios de conquista, são nações de troca, nações de carinho, são noções de onças e noções de travestis.

“Se as travestis tudo produzem, às travestis tudo pertence”

1. Roteiros

The need of the body

THE NEED OF THE BODY (2017)

Curta-metragem documental

O projeto THE NEED OF THE BODY (fig. 56 e 56abc) consiste em uma documentação entre corpo, palavra, apropriação e limite. Propondo a leitura do texto com tradução simultânea enquanto documentação de um imaginário normativo em relação aos diálogos estabelecidos entre gênero e corpo.

A instalação se inicia com uma remixagem de sons exibida no escuro, sendo subitamente sobreposta por pela leitura e tradução simultânea do texto, narrada por Taína Martins e Antônio Damata.

THE NEED OF THE BODY

Roteiro para vídeo-instrucional de duas vozes.

Relax!

Here.

Here are the needs of the body.

120

It needs to have a body... A body with mouth. It needs to be quiet as possible. Without aggressive needs.

It needs to be respectful, it needs to be small. It needs to be fair.

As fair as possible... Or It needs to be light
It needs light-colored-skin.

It needs to be white, it needs to be slim. It may not be that slim. But It needs to be skinny.

It needs to have mouths... Without sounds... unless It needs to say sorry. or moan.

It needs to moan.

It needs to stay alive.

Dying can not be a choice unless it's a need

A NECESSIDADE DO CORPO

Relaxe!

Aqui.

Aqui estão as necessidades do corpo.

Precisa ter um corpo ... Um corpo com boca. Precisa ser o mais silencioso possível. Sem necessidades agressivas.

Precisa ser respeitoso, precisa ser pequeno. Precisa ser justo.

O mais justo possível ... Ou precisa ser leve

Precisa de cor clara.

Precisa ser branco, precisa ser fino. Pode não ser tão delgado. Mas precisa ser magro.

Precisa ter bocas ... Sem sons ... a menos que seja necessário desculpar-se.ou gemer.

É preciso gemer.

Precisa permanecer vivo.

Morrer não pode ser uma escolha a menos que seja uma necessidade

It needs to hold the body
With strong sense of weight
It needs to stay close to the supernatural
But It needs to be natural
It needs to define Nature.
The body cannot act naturally. It needs to have to
learn
It needs to have space inside
It needs to have vácuos*

122

It needs to stay in place...
it cannot move around
It does not need to be a planet
It cannot be a planet
It needs to be fair, skinny, white, a body with mouth
quiet in place

And it needs to be calm!

It needs to be calm.

The need of the body...is to be calm.

Stay calm.

Breathe...With your mouth...

Breathe.

You are here!

Precisa segurar o corpo
Com forte senso de peso
Precisa ficar perto do sobrenatural
Mas precisa ser natural

Precisa definir a natureza.
O corpo não pode agir de forma natural.

Precisa aprender
Precisa ter espaço dentro
Precisa ter vácuos*

123

Precisa permanecer no lugar ... não pode se mover
Não precisa ser um planeta
Não pode ser um planeta
Precisa ser justo, magro, branco, um corpo com a boca
calma no lugar

E precisa estar calmo!
Precisa ser calma.

A necessidade do corpo ... é ser calma.

Fique calma. Respire...

Com sua boca ...Respire.
Você está aqui!

...With your body...

Be quiet...

Breathe...

Stay here...

Breathe!

Be calm.

... Com seu corpo...

Fique quieta...

Respire...

Fique aqui...

Respire!

Fique calma.

Os escritos aqui representam falas de mulheres trans e travestis acerca de micro e macropolíticas de existência e resistência. Falamos aqui de lutas cotidianas e exigências urgentes ao nosso respirar. Da identidade e respeito à saúde mental e física de nossos corpos, usamos do tempo e das palavras para mais que diálogos criar, usamos como máquinas que provém vida a cada segundo que nos é tirado.

Esta coletânea está dividida em 35 fragmentos, ressaltando o tempo enquanto ferramenta de violência da Sociedade/Estado para aniquilar a existência de corpos abjetos e também o tempo enquanto conceito e arma de resistência desses mesmo corpos que resistem diariamente e lutam para passar de um número estatístico e viajam além do tempo físico em um movimento de resgate de ancestralidade assim como a feitura de novas formas de existir.

Selecionados para a performance “35?” (fig. 5 e 6), os fragmentos de textos são lidos em um microfone ligado a um amplificador ao mesmo tempo em que uma bateria é tocada ininterruptamente. Ambos frente a frente. Durante a leitura, pratico algumas micro-performances até o encerramento da performance marcado pela

reprodução de um áudio com a fala de Anna Tulie no XIV Seminário LGBT do Congresso Nacional.

Performance, da série Confronto de Banda. Performers Kabe Rodríguez (ações), Raul Irigaray (bateria) e Cy Goldinho (leitura) | Assistência e apoio Raíssa Studart | Apresentada na Exposição IMPRESTÁVEL na Galeria Espaço Piloto na Universidade de Brasília, 23 de Junho de 2017.

1. 21h05 - "EXISTIR"

Nome social não é invenção de travestis e transexuais. Um monte de gente tem, mas na maioria dos casos ninguém nem se dá conta. (...)

Mas mesmo o nome social sendo algo usado por todo tipo de pessoas, quando somos nós, transexuais, que reivindicamos esse direito, aí acham absurdo...

Prova disso é o fato de 29 deputados estarem se articulando para anular o decreto 8.727 de 28 de abril de 2016, que concede às pessoas trans o direito de usarem o nome social no âmbito das instituições públicas federais. Muda alguma coisa que seis desses 29 deputados fazerem uso do nome social no exercício de seus cargos públicos?

129

(21h10)

2. Travestis e transexuais mais do que ninguém sabem da importância do Estado reconhecer oficialmente o nome social, porque o nome é uma das formas mais potentes de nos violentarem e excluírem da sociedade. Quanto policial não pede o RG só pra nos humilhar usando o nosso nome civil? Quantas pessoas trans não abandonam a escola por não poderem ser tratadas pelo nome social? Quantas, pelo mesmo motivo, não deixam de ir ao médico, ao banco ou a outros lugares

importantes onde a gente precisaria apresentar documentos?

3. Nome social é só um primeiro passo para o reconhecimento efetivo do nosso direito de existir.

4. AMARA MOIRA:

130

5. É urgente para alguns corpos relatar as suas realidades, considerando intensidades sensitivas, vozes e escutas, tensões e paralisias. A possibilidade de escrita sobre minhas vivências e epistemes aglutinam-se às ancestralidades das que já lutaram muito antes de mim, pessoas como Indianara Siqueira, Cláudia Rodríguez e Alessandra Ramos. Sei que foi duro que todas elas existissem e construíssem os seus corpos pra para que eu hoje tivesse alguns direitos e algumas possibilidades de vivência. Muitas travestis foram expulsas de diversos espaços, começando por suas casas, foram estupradas, tiveram seus corpos impedidos, distorcidos, invadidos, destroçados e mortos. No intuito de criar possibilidades de contato com pessoas que vivem ou não as poesias da vida trans – odiadas e silenciadas há tanto tempo – e também

[1] Amara Moira, “Seis dos deputados contra o uso do nome social por trans usam, eles mesmos, nomes sociais”. Disponível em: <http://azmina.com.br/2016/05/seis-dos-deputados-contra-o-uso-do-nome-social-por-trans-usam-eles-mesmos-nomes-sociais/>

de repensar as leituras que se comunicam com as precariedades, tive a ideia de retrazar a história da minha própria vida com todos os livros do mundo e de reinventar os livros sujando-os com a poeira dos meus pés.

(21h15)

6. Traveco-terrorista (os termos aglutinados, não de forma separada) foi o meu modo – travesti – de reagir ao desterro. E a travesti-etc. ou a – triangular – traveco-terrorista-etc. são, portanto, posturas afirmativas em favor do estabelecimento de políticas brasileiras pensadas pela e para agências trans. Autópsias autoaplicadas sendo também uma forma de se pensar táticas de ocupação política dos campos normativos da sociedade. Eu amo a traveco-terrorista-etc. acho que porque sou dessas.

131

7. TERTULIANA LUSTOSA²

8. Dói muito saber que não adianta ser bonita, tenho que provar diversas vezes que sou boa o suficiente. Cansei de ser a mulher trans negra, que tem que fazer

[2] Tertuliana Lustosa, “MANIFESTO TRAVECO-TERRORISTA” Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/viewFile/25929/18560>

carão pra reproduzir a idéia de mina forte, resistente, sem sentimentos, sem afetividade, acessível, um objeto meramente sexual. Mas a minha revolta não resolve o mundo, e isso é o sentimento mais frustrante que alguém pode sentir, impotência. E nada que vcs digam vai mudar isso, então não me encham o saco com comentários de solidariedade e de “não pense assim mana”, que já estou de saco cheio, a vida real pra muitas garotas pretas é dolorosa sim, isso é somente um fato.

9. RAFAELA LINCOLN LIMA³

10. o que tem sido bastante evidente na minha vida, enquanto travesti, é a solidão... da solidão em ser travesti, preta, pobre. felizmente, com todo o trabalho que eu venho desenvolvendo, me permitiu encontrar outras pessoas que vivem no mesmo contexto que eu, e que a partir disso passamos a trocar afeto, amor, relação; e parece que é o que nos mantém viva, o que nos fortalece e nos une.

11. eu continuo a questionar quem ama uma travesti? quem ama uma travesti como eu? e qual a dificuldade

[3] Rafaela Lincoln Lima, post no Facebook em 23 de junho de 2017. Disponível em :<https://www.facebook.com/rafaelalincolnofficial/posts/1388595187862648>

de amar um corpo, como há tantos outros? é triste também não conseguir se permitir relacionar com uma outra pessoa por bloqueio, por medo, por inseguranças; imposições e padrões compulsórios que tenho que desconstruir todo dia que me moldam a todo momento dentro da sociedade, meus gostos, minha estética, meu jeito de amar e de me relacionar, de me permitir, de me aceitar...

a solidão vai muito além do preterimento e de não ser amada; solidude de não ser compreendida, solidude de não ser tratada com humanidade, solidude de não ser vista, entendida e muito menos respeitada enquanto Cecília, enquanto artista, enquanto pessoa.

133

12. CECILIA SILVA⁴

(21h20)

13. É um ato político. Eu costumo falar que hoje eu tenho o entendimento que esse é o meu corpo. Se ele é lido como corpo feminino, corpo masculino ou homem ou mulher não é problema meu. É problema de quem inventou essas definições do que é mulher e

[4] Cecilia Silva Dellacroix, post no Facebook em 13 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/ceciliasilvadellacroix/posts/455670061460229>

também do que é homem. A mulher é para dizer aquilo que não é homem, não é masculino, isso foi o mundo machista e patriarcal que inventou. Então as mulheres cis, principalmente as radicais feministas, dizem que mulher é quem tem buceta e útero e usam seus úteros para oprimirem outras mulheres. Mas quem disse que ser mulher é quem tem útero e buceta? Foram os homens. Então elas nada mais estão fazendo que reproduzir isso. “Nós somos mulheres e temos que lutar contra os homens. Mas mulher é apenas isso que os homens determinaram”.

14. Quando as pessoas transvestigeneres e transexuais dizem “Eu sou mulher” e elas respondem “Não, vocês não são mulheres!”. Mas não foi isso que os homens disseram para elas “vocês não são homens, são mulheres” e elas acataram isso? Aceitaram isso para lutar contra os homens cis e o patriarcado. Ou seja, querem destruir o patriarcado, mas usam as normas do patriarcado. Reproduzem essas opressões todas sobre os outros corpos que estão fora dessa norma. Aí começa toda essa guerra. Eu simplesmente digo que esse é o meu corpo, nasci com ele e resolvi mudar ele.

15. Porque aquele corpo não me condizia, não era meu, não me identificava com aquilo, era para mim uma

prisão. “Ah! Você está reproduzindo os padrões de estética femininos!”. Não foi culpa minha que esses padrões de estética existem, foram vocês que aceitaram primeiro. Sinto muito! Vocês que tivessem destruído eles antes! Aí hoje eu me identificaria com outros. Não é culpa minha! Vocês reproduziram isso! Quando eu vi, eu gostei disso que eu vi! Aí eu quis isso pra mim! Falam que não posso ter isso pra mim, mas vocês podem ter isso pra vocês e usam isso como uma reivindicação política pra vocês? Vamos se situar? Por que eu não posso dizer que sou mulher?

Porque nasci com pau? Por que vocês tem que aceitar que são mulheres? Foram vocês que disseram isso? Vocês definiram isso? Ou foram eles? Eles que vocês lutam contra?

16. De um momento em que eu tinha de falar ‘sou uma mulher, tenho um corpo feminino’, ‘sou uma mulher travesti’, ‘sou uma mulher de peito e de pau’, até eu chegar ao ponto de dizer ‘sou uma mulher normal de peito e de pau’. Aí eu me pergunto ‘o que é ser uma mulher nessa sociedade?’ será que ‘mulher é aquilo que não é homem’, então já é uma definição do machismo e patriarcado que estou lutando contra. Por que eu tenho que aceitar isso pra mim? O que é ser normal nessa sociedade aonde todo mundo tem a

variação de alguma coisa? O que é anormal?

17. INDIANARE SIQUEIRA⁵

18. E transfobia não é só insultar, ameaçar, agredir ou matar – piores aspectos dessa forma de opressão. Desrespeito ao gênero com o qual nos identificamos é, igualmente, transfobia. As formas mais nefastas de exploração são afligidas sobre nós, pessoas trans, de forma corriqueira.

19. Indague-se: quantas vezes você se acomodou nos seus privilégios de identidade, quaisquer que sejam, e tratou mulheres trans de forma diferente da que trata outras mulheres cis (que não são trans)?

20. É comum que essa diferença de tratamento, por si só discriminatória, seja inferiorizadora ou depreciativa mesmo, como se mulheres trans fossem menos mulheres, ou mulheres não fossem. Tal pensamento-ação é mais comum do que a maioria das pessoas cis

[5] Indianara Siqueira, Entrevista “Que a liberdade ensine pessoas” realizada por Ana Matheus Abbade, Daniela Mattos, Guilherme Altmayer e Mariana Pimentel. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/25930/18559>

percebe ou reconhece.

21. O ponto nevrálgico desta reflexão é: como consigo ser feliz, neste país tão desrespeitoso e violento contra a minha identidade de gênero? Sempre ensino: as pessoas trans não estão infelizes com a identidade delas, mas, isso sim, com a transfobia contra essa identidade.

22. JAQUELINE DE JESUS⁶

137

23. Peço todos os dias às deusas que nos regem ,que as pessoas que me rodeiam não sejam mortas por esse sistema .peço todos os dias às deusas que nos regem , que as pessoas possam VIVER. chega de sobrevida. pode não estar funcionando, mas continuarei pedindo.

24. Fale merda, nós podemos lançar feitiços
Tranças longas, unhas compridas
Trancinhas, rabo de porco
O pai do bebê ainda está na prisão
Bruxas boas, eu acabo
Vadia más, nós comandamos
4 Vadias, 4 cantos

[6] Jacquelina de Jesus, Eu AMO ser uma mulher trans”.

Disponível em: http://www.huffpostbrasil.com/2017/06/26/eu-amo-ser-uma-mulher-trans_a_23003017/

Norte, leste, oeste, merda do sul
Bruxas boas, eu acabo
Pulou da minha vassoura
Feitiçaria, vadiaria
Magia da luz, não é nada
Eu sou aquela negra bruxa porto-riquenha de Yoruba

25. PIETRA SOUSA⁷

138

(21h30)

26. Vira e mexe e sai a seguinte notícia “pessoas trans vão poder usar nome social na instância x da cidade y do estado z”, sendo x, y e z variáveis.

Incrível como ainda saem essas notícias, toda hora, há anos, eu vejo saindo essas notícias.

27. Isso diz muito sobre a cidadania a conta gotas de pessoas trans no Brasil. Nome social, que já é uma política paliativa de acesso ao direito ao próprio nome em virtude da ausência de lei, nos é dada a conta gotas, aos pouquinhos, em cada cantinho diferente

[7] Pietra Souza, posts no Facebook em 14 e 12 de Junho de 2017. Disponíveis em: <https://www.facebook.com/pierre.sousa.108/posts/278344289236878> e <https://www.facebook.com/pierre.sousa.108/posts/277329172671723>

desse Brasil, é uma portaria de nome social, é uma carteira de nome social, é uma deliberação diferente. Em cada universidade, em cada instância burocrática diferente (pode crer, existem muitas), em cada instituição, em cada cidade diferente, requer uma notícia, pois se trata de uma conquista que se dá em cada micro-cosmo social diferente

28. O direito precário ao nome social não se dá por meio de uma lei abstrata em universal, ela tem que ser disputada em cada instância em particular, e em cada interação intersubjetiva cotidiana diferente com pessoas cis que jogam na sua cara, com a maior arrogância, se julgando os detentores da verdade, que nome social não existe e que ela vai apenas cumprir ordens e te chamar com o nome de registro.

29. E mesmo você citando todo uma lista gigantesca com todos os decretos, deliberações, portarias, etc, sobre nome social no Brasil, as pessoas cis vão continuar insistindo que nada disso existe, que ela não faz nada além da sua obrigação burocrática em acatar o sistema e te tratar com o nome e gênero que constam nos documentos oficiais. Sim, isso mesmo, mesmo você esfregando na cara das pessoas cis as leis, as pessoas cis insistem em simplesmente não apenas ignorar, mas também se colocarem numa posição de

suposto saber absoluto e inquestionável, em dizer que isso daí de nome social nem existe, a despeito da “verdade verdadeira”.

30. BEATRIZ PAGLIARINI BAGAGLI⁸

31. De acordo com a pesquisa da organização não governamental (ONG) Transgender Europe (TGEU), o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo com 604 mortes registradas no país entre janeiro de 2008 e março de 2014; e 51% (689) dos homicídios de pessoas trans na América Central e do Sul ocorreram no Brasil.

32. Dados da União Nacional LGBT apontam também que a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é de apenas 35 anos.

33. O traveco-terrorismo, a despeito das censuras do academicismo, autodeclara-se como arte brasileira em guerra pela sobrevivência. Após o medievo, quem atinge trinta e poucos anos de expectativa de vida? No Brasil, 35 anos é a expectativa de vida da travesti. Mas a despeito da expectativa de vida da travesti, fomos nós quem nos autorizamos a viver, adotamos a

[8] Beatriz Pagliarini Bagagli, post no Facebook em 18 de Junho. Disponível em: <https://www.facebook.com/beatriz.pagliarinibagagli/posts/332066407226366>

intervenção clandestina imediata em nossos corpos e a escrita-viva por meio de processos de corte. Também a despeito da nossa expectativa de vida-capitalista, nós já nos autorizamos a viver anarquicamente.

34. TERTULIANA LUSTOSA⁹

35. ANNA TULIE¹⁰ (REPRODUÇÃO ÁUDIO)

35. ?

141

[9] Tertuliana Lustosa, “MANIFESTO TRAVECO-TERRORISTA”. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/viewFile/25929/18560>

[10] Fala de Anna Tulie no XIV Seminário LGBT do Congresso Nacional.
<https://www.facebook.com/ultradf/videos/779415548892019/>

Câmera onça

Sempre à noite, ela é registrada andando livre aos arredores das fazendas e chácaras. Entre a Esplanada dos Ministérios e a Vila Planalto, no Palácio do Itamaraty, sua presença carrega o peso da atenção e o planejamento no andar. Ela tem um plano.

Breve sua imagem ecoa e com precisão ela ataca. Os registros podem apontá-la como intrusa, infratora dos limites entre Instinto e Instituição. Então o momento acontece e ela ataca o cão-policia! (fig. 33).

ROTEIRO DOCUMENTÁRIO “LUGAR SECRETO”

Trilha sonora original: Matheus Vinhal

Direção e edição: Kabe Rodríguez



143

Frame do documentário Lugar Secreto
(fig. 63 e 64)

Parte I

28 - O LUGAR É FREQUENTADO PRINCIPALMENTE POR TURISTAS ESTRANGEIROS, QUE PAGAM DIÁRIAS DE ATÉ MESMO MIL REAIS

144

1 - COM UM TERRITÓRIO DE 130 QUILÔMETROS QUADRADOS ELA PRECISA DE MUITO ESPAÇO

30 - UM DOS PONTOS MAIS FREQUENTADOS PELAS PINTADAS

40 - QUALQUER SINAL DE MOVIMENTO NA MARGEM E BOM PARAR E OLHAR MELHOR

59 - SÃO SOLTAS COM MUITO CUIDADO

52 - A SITUAÇÃO É DE RISCO

60 - A CONTAGEM NO CERRADO DO GOIÁS SÃO FEITAS POR ESSAS C MERAS, COLOCADAS NO PARQUE NACIONAL DAS EMAS

56 - ELA PRATICAMENTE NASCEU AQUI, CHEGOU COMO ÓRFÃ

20 - ELES DISSERAM QUE A PINTADA ESTAVA OCUPANDO UMA CASA SOZINHA, SUGERINDO QUE FOSSE POSSÍVEL FILMÁ-LA EM SUA RESIDÊNCIA. NAO DEU CERTO

27 - HOJE, ELA VIVE NO MÉXICO, NA AMÉRICA CENTRAL, É EM QUASE TODOS OS PAÍSES DA AMÉRICA DO SUL

145

21 - AS C MERAS CAPTARAM, ELA ESTAVA MESMO LÁ, FICAMOS DE VOLTAR OUTRA VEZ MAS NAO ANDAVA SOBRANDO CORAGEM

22 - “A GENTE QUER PROTEGER O ENTORNO PRA PROTEGER ELAS”

4 - ELA PRECISA DE UMA DIETA RICA EM CALORIAS

8 - SEU PAPEL É FUNDAMENTAL, ELA É RESPONSÁVEL EM DEIXAR O SEU GRUPO FIQUE SAUDÁVEL

29 - SE NÃO TIVER NENHUM PÉ FRIO AQUI NA EQUIPE A GENTE VAI AVISTAR A BIXA AGORA, VAI!

9 - “A gente se deparou com ela parada nessa região

aqui, ela tava totalmente inerte, bem focada no que ela queria, abaixada em ponto de ataque

41 - O RASTRO DA PINTADA ESTÁ BEM VISÍVEL

42 - A BIXONA LA NO BARRANCO, DAQUI DA PRA VER A CARA DELA, MAS 'É GIGANTESCA

2 - AS MARCAS EM CADA PELAGEM SÃO ÚNICAS, SUA PELE FOI MUITO APRECIADA AO LONGO DA HISTÓRIA

6 - SOMENTE REIS E SOBERANOS PODIAM VESTIR SUA PELE MANCHADA

5 - ESTA CAÇADORA FERROZ EMBOSCA SUAS VÍTIMAS, ELA É CAPAZ DE ESCALAR, NADAR E MATAR COM UMA ÚNICA MORDIDA

23 - A FÊMEA VEM O NA DIREÇÃO DO PESSOAL E OS PESCADORES DÃO RISADA

18 - “você chegou com um facão e ela te enfrentou. Enfrentou, ela ameaçava de vir em cima. você vai fazer o que, eu sozinho?”

46 - NO DIA SEGUINTE PELA MANHÃ

43 - FINALMENTE ELA RESOLVEU LEVANTAR, TÁ
DESCENDO, MORRENDO DE SEDE NE
44 - SERÁ QUE ELA VAI TOMAR UM BANHO?

58 - AS ORELHAS ESTÃO SEMPRE ACOMPANHANDO
TODO O BARULHO, MOVIMENTAÇÃO, E ELA TÁ FIXA
EM VOCÊS

47 - OLHA FIXAMENTE E SE PREPARA PRA ATACAR

147

48 - VEJA COM A GANA QUE A FÊMEA PARTE PARA O
ATAQUE

16 - nesse barranco aqui houve um dos casos

11 - MACHO E FEMEA ESTAO NA PRAIA NAMORANDO,
NUMA CENA RARA

12 - A FÊMEA PARECE INQUIETA, ANDA PRA LÁ E
PRA CÁ, O MACHO VAI ATRÁS, circulam NO MEIO
DA VEGETAÇÃO DAS margens, nisso um macho novo
aparece. vai dar briga.

10 - “foi a hora que ela veio e atacou (...) e ela devorou
nove segundos de religio, mergulhada”

13 - Sem ligar para um ferimento na cara

14 - vão nadar juntos outra vez, rolam na areia da praia,
se enrolam de novo,

15 - no fim a fêmea entre cansada e satisfeita, vai
dormir no galho da figueira, o macho se escondeu

7 - ELES NÃO SÃO LUTADORES NATOS, BALANÇAR
AS ÁRVORES É O MÁXIMO DE VIOLÊNCIA QUE
CONSEGUEM, NÃO É O SUFICIENTE PARA
INTIMIDAR

148

17 - a desgraça estava feita

19 - “quando o pessoal chegou aí que eu tive mais
coragem”

55 - ELA PRECISA APRENDER A DOMINAR MUITOS
ESPAÇOS, SUBIR EM ÁRVORE PODE SER ÚTIL
QUANDO ELA ESTIVER NA FLORESTA

53 - MAS O IMPRESSIONANTE É QUE ELA PEGA SUA
MÃO MAS ELA NÃO APERTA

25 - DIFÍCIL DE SER VISTA DE PERTO, E SEMPRE
CERCADA DE MISTÉRIO

24 - ELA NAO DEIXA DE SER UM ANIMAL SELVAGEM,
UMA FERA

50 - ELE SO TA COM ELA QUANDO A GENTE TÁ
PERTINHO QUE TEM TOTAL SEGURANÇA

57 - ATÉ EU QUE NUM TENHO INTIMIDADE COM
ELA , CHAMO E ELA VEM

49 - E SE O AMBIENTE ESTÁ EM EQUILÍBRIO, COMO
NESTA REGIÃO, ELA NÃO ATACA O HOMEM

26 - ELA SE ACOSTUMOU COM A PRESENÇA
DAS PESSOAS E VIROU ATRAÇÃO PRINCIPAL DE
PROGRAMAS DE TURISMO

45 - OS TURISTAS ITALIANOS ESTÃO
IMPRESSIONADOS COM O FATO DELA NÃO SE
MOSTRAR AMEDRONTADA COM NOSSA PRESENÇA
“VAI CONTAR MUITA HISTÓRIA LÁ NA ITÁLIA HEIN”

61 - UM ABRAÇO DESSES, MESMO CARINHOSO,
PODE SER ATÉ FATAL NÉ, ÀS VEZES COM UNHA, E
UM ABRAÇO BEM PESADO

3 - AGORA ESSE PREDADOR ALFA É EXTREMAMENTE
RARO E DIFÍCIL DE SER ENCONTRADO NA
NATUREZA



Frame do documentário Lugar Secreto

Parte II

Quero ir mais fundo
 Me leva mais perto
 Onde eu te encontro
 No lugar Secreto
 Aos teus pés, me rendo

Pois tua glória quero ver
 eu amo Sua presença
 Teu sorriso é vida em mim

Eu seguro em Suas mãos
 Eu confio em Ti, confio

em Ti
 Quero ir mais fundo

Leva-me mais perto
 Onde eu Te encontro
 No lugar secreto
 Aos Teus pés, me rendo
 Pois a Tua Glória quero

ver
Quero ir mais fundo
Leva-me mais perto
Onde eu Te encontro
No lugar secreto
Aos Teus pés, me rendo
Pois a Tua Glória quero
ver
Tudo o que eu mais quero
é Te ver
Me envolva com Tua
Glória e poder
Tua majestade é real
Tua voz ecoa em meu ser
Tudo o que eu mais quero
é Te ver
Me envolva com Tua
Glória e poder
Tua majestade é real
Tua voz ecoa em meu ser
Tudo o que eu mais quero
é Te ver
Me envolva com Tua
Glória e poder
Tua majestade é real
Tua voz ecoa em meu ser
Tudo o que eu mais quero

é Te ver
Me envolva com Tua
Glória e poder
Tua majestade é real
Tua voz ecoa em meu ser
Quero ir mais fundo
Leva-me mais perto
Onde eu Te encontro
No lugar secreto

Onça Travesti

Identidade latino-americana, presença pertencente aos anos de história e resistência. Corpo exotizado, perseguido por sua força e pele única. O Brasil é o país que mais nos deseja, a caça permitida disfarçada com silêncio. O registro geral que não nos contabiliza como pessoas, barreira estrutural que não nos impede de existir mas atrapalha o viver - torna-se uma prática de extermínio diminuir o espaço para vida travesti. Há perigo da extinção das travestis no país (fig. 35-42).

2. Conversas Estratégicas

Carta para Ana

Ana, venho pensando bastante em seu trabalho recentemente. Nossas aproximações e trocas de palavras nas redes sociais me fazem pensar bastante sobre o seu trabalho. Imagino que isso seja comum, mas me aproximar do seu trabalho me faz sentir que me aproximo de você. Talvez pela semelhança em algumas escolhas formais e estética entre nossos trabalhos, mas talvez, e esse agora com um tom mais assertivo, porque existe um pensamento vivo em estar viva que compartilhamos. Percebo em sua produção, assim aproximando-a de mim, que notar o viver é um processo importantíssimo para ti. E como não seria? Estar aqui nesse corpo combate é uma escolha pela vida. Estar em combate é uma escolha pela vida. E por estar aqui, próxima à você, escolho o combate. Poderia te perguntar na lata, assim, de primeira instância diversas dúvidas e associações que fiz ao ter contato com suas unhas. Longas, afiadas, matéria sempre em expansão. “Unha é navalha”, li em uma legenda de algum de suas fotos. Uma frase recorrente. Um grito coletivo, eu diria. Aqui no Distrito Federal já dizíamos isso em alguma estância. apontávamos nossas unhas como lápis próprias para a escrita, brincávamos com a unha afiada (fig. 60), dizíamos “Unha é navalha, querida!”. Esse lugar que

o crescimento de nosso próprio corpo, enquanto matéria, enquanto corpo que resiste, um corpo que resiste à norma e vai além transformando as próprias unhas em ferramenta de combate. E claro, expressão única de beleza. Muitos cinco minutos de beleza! Este lugar de ver tuas unhas, me fez ver mais a mim mesma. Estávamos próximas eu diria; próximas do início de uma troca afetiva. Todas as trans finíssimas afiando as unhas, né querida.

Quando você começou a divulgar teu trabalho de manicure, me desfiz inteira em felicidade. A potência de ser outra coisa enquanto ser artista me fez gritar com força. Porque pensar a arte deveria estar longe da vida? Porque ela está tão longe da vida, mas de fato, ela não se constrói distante da vida. Nosso cotidiano enquanto prática e pensamento artístico, nesse movimento consciente que nos encontramos dia a dia: estarmos vivas, querermos vida, exigirmos existir. O ateliê como as horas que passam e nossas necessidades diárias. A artista é manicure, você escrevia em um cartaz. A artista é manicure! A unha é navalha. O corpo é coletivo. Todas essas falas-pensamentos que percorrem o seu trabalho me fazem pensar nosso lugar enquanto artistas. Mas não penso aqui dentro de uma separação de artistas “acadêmicas” produzindo arte a partir de x ou y. Não estamos aqui

para pensar xy. As coisas vão muito mais além de xy, não é mesmo? Penso em nosso lugar enquanto artista quando nossa pesquisa e produção de conhecimento é trocar ideia com aquela mana travesti que está passando por umas barras, é ouvir nosso corpo travesti em todas as peculiaridades, são as demandas de saúde, as demandas de um corpo social que insistem em marginaliza-lo. Nosso lugar enquanto artistas que compõe com outras artistas, com outras não artistas porque não precisa ser artista, um corpo coletivo. Queria pensar contigo esse lugar do corpo coletivo. Nosso corpo coletivo.

157

Não só além para a materialidade de nossos corpos, mas nossos corpos enquanto morada incerta, livros com escritos em nossas peles. Não conseguiria pensar em meu corpo sem pensar em uma situação de quantidade, um conjunto mesmo. Um grupo. Corpo enquanto número. Nossos corpos todos juntos, sem querer inventar uma narrativa de união cega, mas realmente pensar o meu corpo, o seu corpo, enquanto um corpo só. Diferentes, sim, mas parte em um corpo coletivo que persiste aqui na terra. Que se faz do que for necessário, que se constrói diariamente com o necessário. Unir-se ao necessário, projetar o necessário, munir-se do necessário. Esse corpo coletivo que produz o NAVALHA: Manicure Show.

Você escreve NAVALHA: MANICURE SHOW
#1 O AFRONTA (2016) “O que você destruirá com a
ponta das unhas? Como destruir?”

158

Anunciando assim mais do que um trabalho de ações no espaço Saracura no Rio, mas uma festividade combativa para esse corpo coletivo. Transviadas, travestis, corpos outros, todos em movimento de navalhada. Abrir espaços. Entrar com esses corpos, nossos corpos, o corpo coletivo nosso. Se juntas já causam, image juntas? Eu responderia, se é que há ali uma pergunta. Me sinto presente. Sinto além de presente, uma permanência da matéria que compõe o meu corpo. Diariamente venho enfrentando movimentos certos por aqui, quase como guias, apontando para uma impermanência da minha matéria no meu corpo. Assim, sei que parece outra coisa que estou tentando dizer, talvez até seja, mas como podem tirar a permanência de nossos corpos tão fácil? Quando acompanho teus processos na residência que participou no espaço Saracura, me aproximo do espaço real, físico, sinto que estava lá. Assim como sinto que estava bem mais próxima de ti. Obviamente, cada vez mais, vamos nos falando com frequência. Mas me aproximo pela potência que é poder permanecer como um corpo coletivo.

Penso que o Navalha: Manicure show é uma insurgência necessária. Esse corpo coletivo em rebelião contra esse poder instituído invisível que insiste em dominar nossos corpos, consumir nossos corpos, destruir, caçar, limitar. Esse lugar que nossos corpos-existência carrega, que assusta, de estar sempre em movimento e desejar o movimento. Esses dias, enquanto conversa contigo, escrevi o início de um pensamento sobre o que poderia ser estar viva, me manter viva em insurgência poética:

159

Obviamente, agora, enquanto escrevo, diversas situações transpassam meu ser. O meu corpo não é só um meio funcional para minha existência, mas também uma representação abstrata dos contextos em que vivo. Próximo à ele, meu corpo, se mantém estas palavras de forma sempre fluida, transeunte, marginal. Parto então do lugar onde meu corpo não será território fixo, assim, minha escrita também não será um pensamento fixo.

Quais seriam as insurgências não-nomeadas? As insurgências invisíveis? Posso agora, enquanto corpo marginal, pensar que me manter viva é e faz parte de minha pesquisa poética?

No seu vídeo “Peixe voador” essas questões não só aparecem como elas embalam uma narrativa feroz. Ao rever o vídeo me questiono quem acharia engraçado o que se presencia. Sem aqui menosprezar a potência do humor, mas quando assisto o vídeo em um incansável loop começo a olhar o peixe voador como um corpo-necessidade. As lindas imagens de documentários de natureza me interessam bastante, elas buscam um olhar de forma direta. É grandioso, é magnífico ver o mar tão de perto pela tela. mas então há o peixe em um movimento incansável de voo. Navegar ou planar, há o peixe que voa, que não se mantém só em mar mas também no céu Seu ambiente agora me parece nem um nem outro, mas sim uma busca pela adaptação para movimentar-se. Uma busca incansável de um corpo que tem necessidade de poder habitar os dois lugares céu e mar. E de repente, como um assalto ao grandioso nadar-voo, como nas ruas, há de encontrar os predadores. No mar o atum e no céu o albatroz.

Venho lendo “A Condição Humana” de Hannah Arendt e ela escreve no prólogo um pensamento que está bem próximo do sinto aqui, enquanto observo o peixe voador, da nossa busca de outro lugar além da Terra, como morada. Esse outro lugar, que não sabemos, mas nomeamos como cosmos, nos põe em

movimento. Estamos ainda, incansavelmente, assim como pode também estar o peixe voador, buscando. Os dentes cravados nas costas (peixe tem costas?), o bico que engole sem dó um corpo inteiro. As garras que impedem o voo de seguir. Onde então morar, em movimento, senão a própria busca? As asas do peixe voador como matérias de uma adaptação no corpo, que reage o ambiente. Ou mais, que no lugar ocupante, se apresenta não só de maneira diversa, mas marginal. Não marginal de só permanecer na fronteira, não. Um corpo-necessidade que costura sua existência entre céu e mar. Pode o peixe voador manter-se vivo enquanto corpo-movimento que, como propósito de vida, buscar é viver?

Enquanto revejo e revejo e revejo a saga do peixe voador, repito para mim mesma: a busca pela vida é se arriscar pela morte
o corpo foge ou se adapta
o corpo é...

O corpo é muito mais além do que apenas sua necessidade mecânica. Nosso corpo é muito mais que um uso instrumental dele mesmo. Voar pode ser uma busca incerta por um lugar incerto. Nem lá nem cá. Mas uma busca. Te proponho assim nossos corpos como corpo-pesquisador. Uma junção do

corpo coletivo, corpo-necessidade, corpo-movimento. Não sei o que te propor quer dizer mas ainda assim proponho.

Ana, cada vez mais me aproximo do que ainda é distante. Esse início de um diálogo que percorre um tempo já outro, às vezes um tempo tímido, outra vez um tempo feroz, turbulento. Ao te convidar para trocarmos essas palavras, dividirmos o que é ser esse corpo coletivo, por e questionar o que é se adaptar, você me sugeriu que iniciamos com uma imagem síntese. E eu não sei bem o que poderia ser essa primeira imagem síntese. Mas te apresentei um print-screen do vídeo de uma amiga brincando com seu cachorro. Ainda não entendo o porque dessa imagem surgir na minha cabeça, mas encerro dizendo algo insólito. Porque quando há sorriso, quando lhe apresento meu dentes, eles se assombram?

Yná

Resposta de Ana Matheus Abadde

y,

demoro a te responder. propositalmente, escolhi me recolher. isto porque talvez uma supersticiosidade, me faça acreditar acho que a distância é um instante necessário para a intimidade. distância é uma escolha narrativa. talvez eu decida te escrever pensando em me distanciar do que me disse antes. distanciar de assunto não é fugir ou não continuá-lo, é justamente fazê-lo ser visto em outra distância de um mesmo assunto. brevemente me recordo, tunga em 2015, o que é uma escultura? escultura? escultura é lavar as mãos. e com as mãos sentir o sabão nas mãos, sentir a mão com a mão, sentir a água com a mão e com o sabão. com o sabão e a água na mão. uma coreografia que sem dúvida só me traz um tesão do tato. porque ter unhas quando o obscuro se dá na desassociação do tato com o sexo?

além disso, não bastasse, a breve indagação dispara em sua popularidade: ‘as unhas são para limpar o nariz?’ ou então, ‘como você se limpa?’. para que ter unhas se elas dificultariam o meu ‘limpar-me’?

[segundo e-mail]

164

eu lhe escrevi irrepetíveis formas de te responder. e todas as formas me pareciam incipientes, pois sempre me pergunto o motivo a qual estou sendo perguntada, ou porque seria comigo que alguém devesse consultar sobre essas coisas. eu penso em corpo por vias não-corpóreas, em identidade por vias não-identitárias, e formas por vias não-formais. a síntese desse tridente [que replica em um outro trato social da ontologia, da epistemologia, e da linguagem] se dá no corpo coletivo. mas também há a esfera pública, um exemplo de possíveis sinônimos do corpo coletivo, ou então, nós, ou então corpo social, ou massa, povo, a “classe LGBT”. Falar em corpo coletivo para mim é uma expressão simples, um atravessamento corpóreo que se dá no corpóreo. Assim, se o ato inventivo está no atravessamento corpóreo das coisas, não mais me interessa pensar na forma, mas no meio. Nesse sentido eu possa sim ser uma ‘formalista do meio’, contudo tenho certeza que minhas práticas estão ‘em meio de’ muitas ecologias. A hashtag #UNHAÉNAVALHA, 2015, é um desses atravessamentos que eu sobressalto. Sobressalto, pode ser uma palavra boa para pensar minha prática. Sobressaltar assim como nós faríamos, em nossa agenda, para destacar alguma data secreta.

Contudo, tal sobressalto não poderia ser lido. Secreto. A criação do mistério e da linguagem criptografada estão em mim até hoje. Tento me livrar dela, mas é como se eu me sentisse que eu só pudesse me comunicar com os corpos próximos de mim a partir dela.

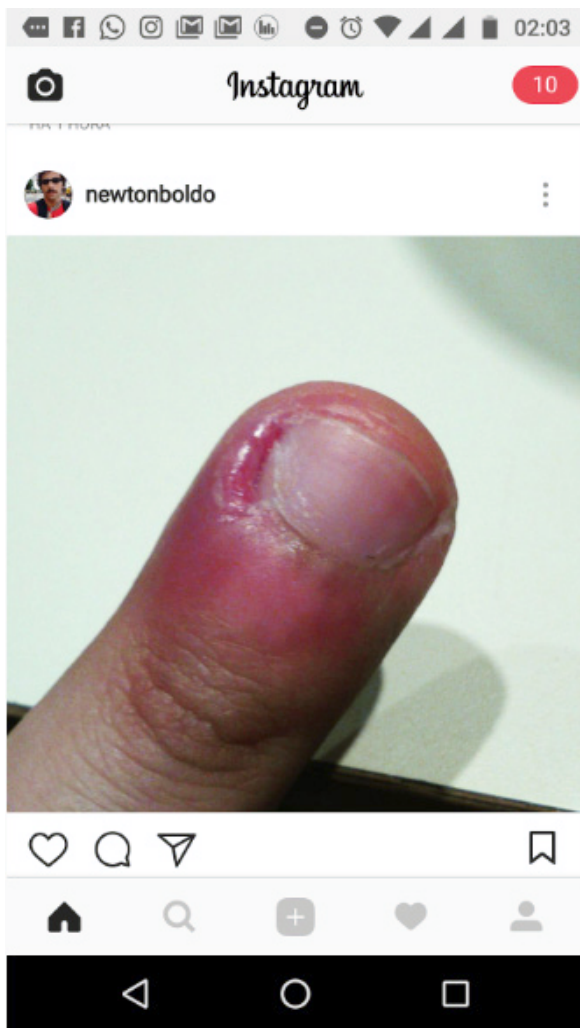
Ali aprendi a falar.

Uma hashtag não produz nada senão realidade, comunicação, informação, logo a partir de um signo. O momento em que a UNHA se transforma em NAVALHA nada é substancial, objetal, que produza pela falta ou resíduo. É autônomo e só existe no momento em que minha unha é navalha e a sua unha é navalha também, pois a hashtag não existe senão construindo um campo de jogo euXvocê. Olha, existe uma possível relação no que eu faço com aquilo que vivo diretamente na minha carne. Não ache que eu acredite em uma relação artevida, ou que minha política se resume a um jogo de identidadeXcriação. Acho que não se reduz tão fácil a potência da vida e de suas formas de metamorfoseamento, e talvez seja por essas formas de metamorfose que eu tenha escolhido trabalhar. Mas NAVALHA me apareceu quando eu respondi para mim mesma que minha unha é uma navalha, nesse momento eu me levantei. Caí

no chão com o olho roxo e a sobrelha sangrando. Um ou dois homens. Lembro de quase tudo hoje até minha inconsciência. Se existe algum inconsciente habitando o meu corpo foi daí que eu devo tê-lo conhecido. Como, a partir de agora, posso escrever a minha narrativa? Posso continuar produzindo minha imaginação sem o contínuo medo de morrer?

Imagens trocadas entre os cartas escritas







169

Bonita ou feia?





Três Travestis (Manifesto)

“Quantas travestis são necessárias para formar uma TRAVESTEIN?”

“Quantas partes (e que partes) são necessárias para construir uma corpa travastein?”

Preciso dizer. Grito de uma garganta dilacerada. Arranhada. Fincada. E aberta. Por unhas afiadas como línguas. Dedo a dedo 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10. Bico de pato. Fio terra. Penetra, corta e fura. Olho por olho. Dente por dente. Cortar, separar, apartar o que está fora e principalmente dentro dos seres. Esgarça veias viciadas na toxina ancestral do oco, que caça e domina a cabeça, o afeto e o sexo. A transição é coletiva. Vejo quartos, calçadas, esquinas sem paredes. Vaza hormônio na rua. Desatando nós, nódulos e coágulos históricos; travesti é frente, monumento militante da resiliência, desobediência e dissidência. Grito VIDA ETERNA TRAVESTI! Isso nos separa. Deles. Somos o centro, pela goela direcionamos o Sistema à Desbinarização de sua estrutura nervosa e de sua cegueira branca. Dignidade e Visibilidade. Essa é nossa travalingua. Verbo de empatia entre nós. Profecia de

[1] Texto por Agrippina R. Manhattan, Yná Kabe Rodríguez e Ana Matheus Abbade

vida. Disfarçar a dor em palavra de sonho. Despistar o patriarcado no requebrar do quadril ao virar a esquina. Afiamos os pés e riscamos o nosso ponto. Mona, olhe. Garganta profunda está para fora. Todas passam. Todas ficam. Todas vivas. Irmã, me diz. Essa é nossa vingança.

172

Venho recorrendo aos desejos impossíveis, aqueles mais cotidianos possíveis. Talvez esteja perdendo um pouco do desejo de sonhar, ou devir, ou fantasia. Venho reconhecendo que quanto mais meus medos vencem as estruturas diárias, que eu e tantas construímos e compartilhamos, mais me sinto próxima de uma aniquilação. Eu temo viver o terror de uma guerra, e o meu maior desejo é que eu te quero vive.

Reconheço que existe um terror cotidiano na vida T*, ao mesmo tempo em que existe, diariamente, a construção de um território de proteção de nós mesmas. Nós nos mantemos vivas. Trabalhamos diariamente para nos mantermos vivas. Tentativas, exercícios autodidatas, táticas de sobrevivência. As incertezas que nos rodeiam parecem sinalizar com uma forte luz neon as estáticas que nos perseguem. Manter em mãos o desejo de incerteza, o direito à dissidência, com um senso de felicidade e completude, por muitas vezes se transforma em uma estado de

prisão alucinógena.

Como irei proteger minhas amigas?

Retorno sempre para uma dificuldade de respirar.

Como iremos sequer construir um país, se este território em que vivemos não nos quer vivas? Por que estamos propondo novos projetos de nação?

Acredito que a razão vem pelas necessidades das coisas. Estamos construindo com garras tudo aquilo que precisamos; estamos aterrando um novo solo para repousar nossos ossos. Há sangue na terra.

173

A revolução virá pelas mãos daquelas que têm garras.

Aquelas cuja rua é a sina, quando não morada. Aquelas que rasgam as linhas que cruzam a malha da cidade, as que abrem caminhos e fissuras, aquelas que escrevem coisas novas que já foram ditas há muito e por muitas.

Nós, três travestis que tiveram a audácia de negar aquilo que a medicina ocidental nos apresentou enquanto destino para aprisionar nossos corpos.

Seremos nós a fazer com nossas mãos a revolução que começou no nosso corpo. Seremos nós e viremos de todos os lugares, de todas as culturas. Seguiremos unidas a este ímpeto de fogo e sangue, que nos incinera e reconstrói. Escutando tantas que vieram antes, que fizeram da rua sua casa e local de trabalho. Viremos pelas mesmas ruas com toda essa tradição embebida em nossas veias. Por mim, por nós e por

todas.

É necessário entender que o cuidado deve ser ósseo. As mesmas propriedades de qualquer estrutura ou lugar, sendo assim a perfeita materialização do que se é. É necessário cuidar. Ossos. Ossos-cabelo. Ossos-unhas. Ossos-pele (casca grossa). Que debatam sobre a coluna vertebral enquanto são as centenas de ossos dos pés que sustentam o aterramento diário.

174

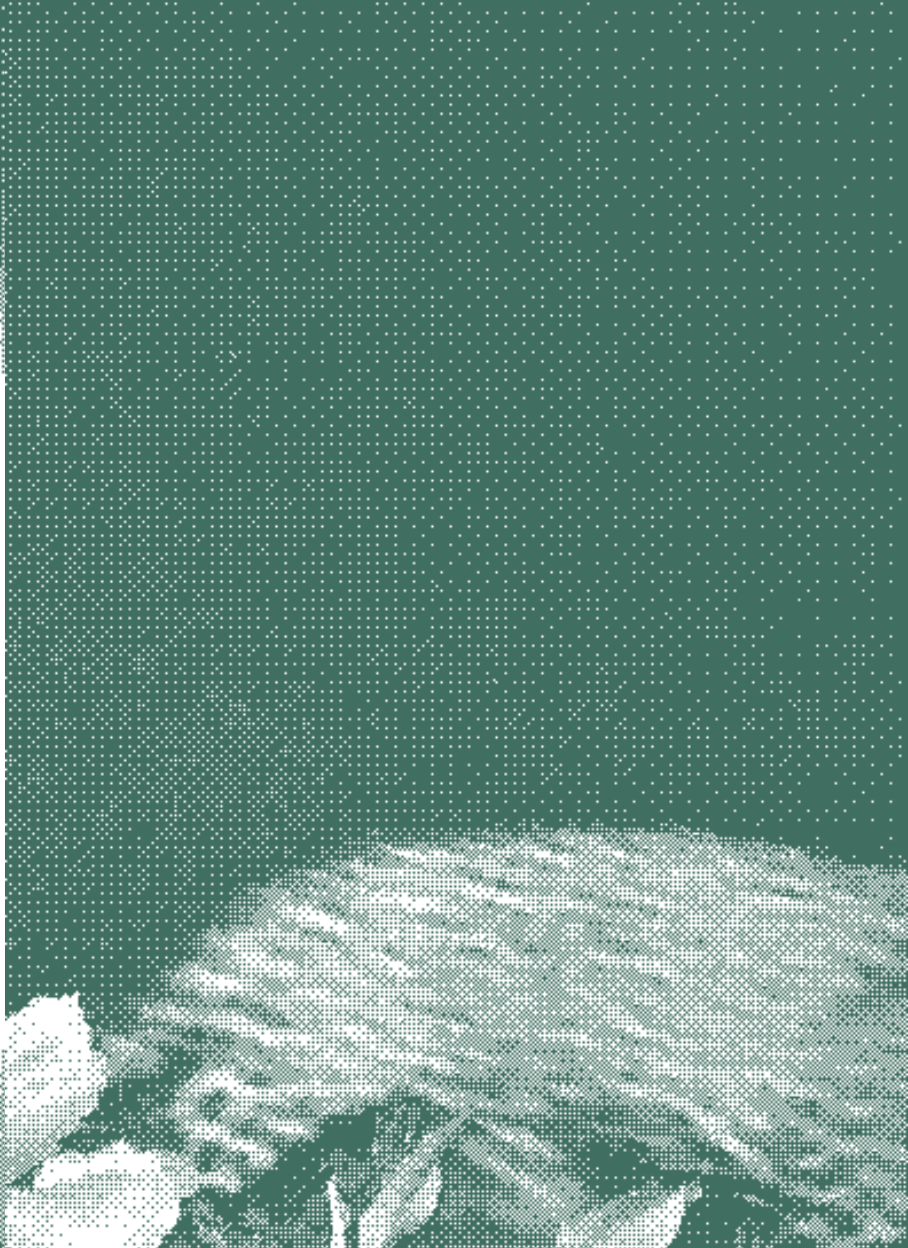
É necessário entender que todo o terror contém ossos (talvez nossos ossos-corpos, mas não teus ossos).

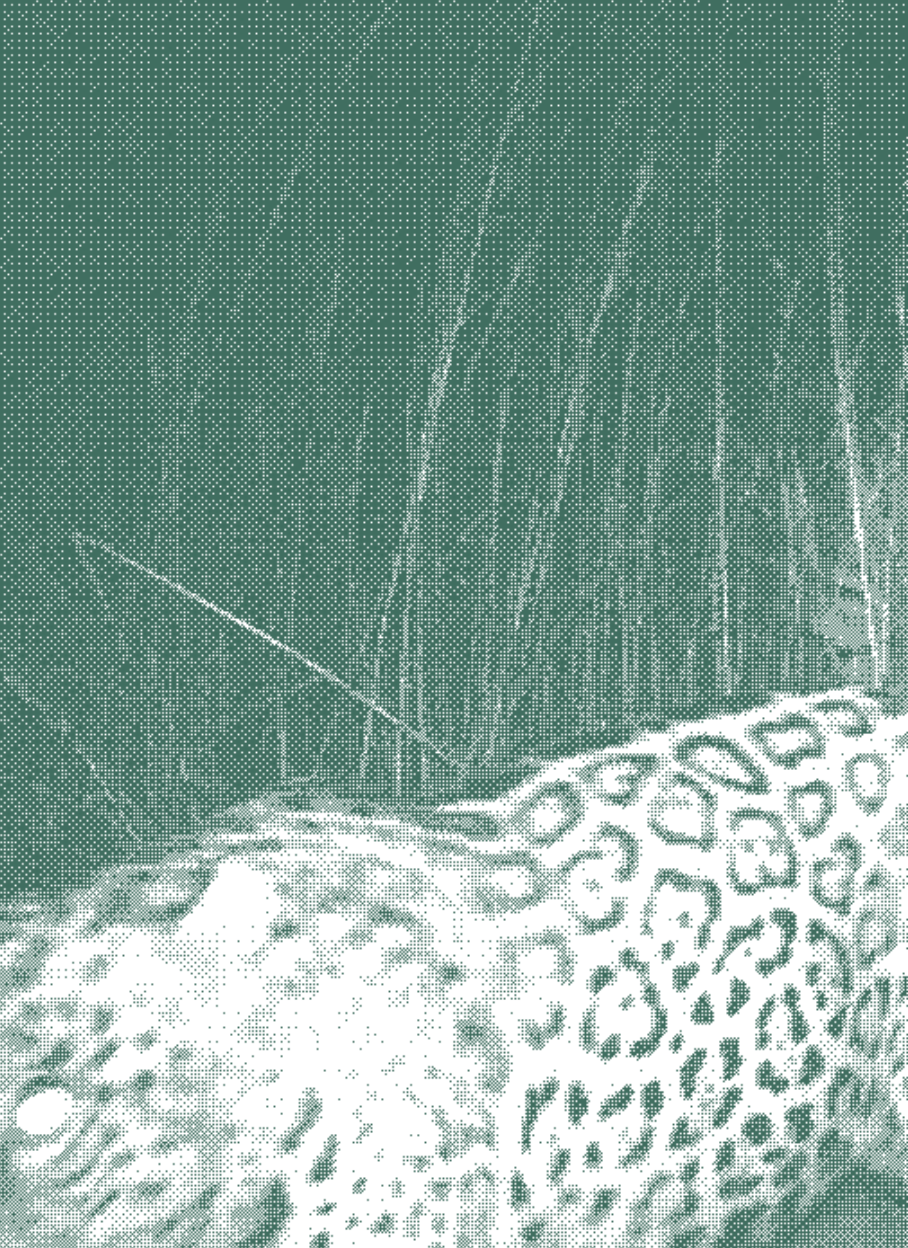
A questão não é sobre tornar-se dura. Há necessidade de cuidar dos poros. Como manter a porosidade sem excesso de penetrabilidade? É necessário o convite, um autocomando, sinais de urgência, o uso de todas as luzes. Há de emitir sua própria luz. Os vagalumes não chegaram a tempo da construção das cidades, portanto é necessário gerar a própria luz. Cria-se (o que) acostuma-se.

Tática e amor

Que nenhuma prática revolucionária possa ser distanciada de uma ideia de amor; e que as práticas de amores revolucionários possam ser dissociadas de uma ideia intrínseca de revolução. Este trabalho é uma de amar minhas amigas, de amor a todas outras travestis, é atestado de que entendemos com e pelas garras que quando escolhemos (nos) amar iniciamos um processo revolucionário que nos movem diariamente para a liberdade, agindo de maneiras que libertem a nós mesmas/os e a outrem. Essa ação é o testemunho do *amor como a prática da liberdade*.¹

[1] hooks, bell. *Love as the practice of freedom*. In: *Outlaw Culture. Resisting Representations*. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 243–250. Tradução para uso didático por Wanderson Flor do Nascimento.





IV.

**Documentos
de práticas
*transindisci-
plinares***

Aqui estão catalogados textos e evidências de ações que se propõem “a dizer a teoria como uma forma de arte e, portanto, rastrear nos limites da forma”¹, exercitando uma prática aut documental, onde são exploradas estratégias² de aplicação às poéticas artísticas de uma produção teórica que, dentro de insurgências cotidianas, localiza minha produção não distante dos lugares em que meu pé demarca o chão.

De fato, as passadas marcas estão e são minha produção enquanto artista transindisciplinar. Entretanto, uma possível sobreposição de situações entre produção e cotidiano me faz perguntar a mim mesma: Posso agora, enquanto corpo marginal, pensar que me manter viva é e faz parte de minha pesquisa prática e teórica?

[1] Jota Mombaça. *Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada*. Em Revista concinnitas | ano 17, volume 01, número 28, setembro de 2016

[2] “As pessoas trans desenvolvem para si estratégias para lidar com as adversidades pois são obrigadas pela configuração do sistema a estarem a todo momento cientes da sua posição e das barreiras que ela coloca (ou melhor que o sistema coloca)” Agrippina R Manhattan, em *Corpos em trânsito: Corpos Transvestigeneres e o Espaço Público*. Disponível em <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2017/Agrippina%20Candido%20Viegas%20Pequeno.pdf>

1. Práticas curatoriais *transindisciplinares*

Todo Espaço Entre

Artistas | Cecília Lima, Raíssa Studart e Isadora Almeida

Curadoria | Kabe Rodríguez

A Pilastra Guará II - DF, QE 40, Cj. D, Lote 38, Ap.101

182

Todo

[Uma percepção e completude através do olhar.
Sensação ilusória, confortante. Presença]

□

Começar pela indagação de um problema me parecia arriscado, mas importante. O problema seria mais um marco, como a certeza visibilidade de uma torre, do que uma busca por respostas. Mas assim como podemos questionar se uma torre não é qualquer outra coisa menos uma torre sem sua prática adjetiva de ser vista, podemos apontar que um problema seria sempre um índice de resposta.

Indicaria então a matéria como essa pontuação no espaço, sendo um de seus problemas importantíssimos para o que pensamos neste texto. A relação da matéria com o espaço atravessaria questões de níveis

atômicos para questões filosóficas e subjetivas; ‘As coisas realmente se tocam?’ indicaria o percurso da exposição.

Espaço

A linguagem da escultura carrega um papel importante nos questionamentos da relação do corpo com o espaço. Assim como a escultura seria uma vírgula no espaço, o corpo pontuaria o tom da sentença; o início e o fim da questão.

Tornam-se mensuráveis as relações de distâncias, escalas, de poder e controle quando se está presente a uma escultura, friccionando a potencialidade de subversão do espaço pela presentividade do desejo de contato do corpo com a matéria. Tão quanto a abstração do corpo, da matéria e do espaço, em uma relação primal de pertencimento de um todo.

□

todo: escultura + corpo + espaço

espaço: da escultura na escultura

entre: a relação do todo + espaço = corpo

□

O que uma escultura rasa, em comparação à superfície em que se instala, pode marcar se não lidamos com uma monumentalidade, supondo que seu extremo oposto seja o arranha-céu? Sustenta-se aí uma relação de convite, podemos nos entregar a sua localidade sem o conflito da sensação de deslocamento que uma escala monumental apresenta. Podemos nos dispor a circulá-la ou saltá-la, porém, caberá a nossa monumentalidade aérea admitir nossos desejos.

Poderíamos então entender toda escultura como uma torre, mas poderíamos nos entender como uma torre que se faz ser vista à toda escultura, em um diálogo de visibilidade e interação pelo olhar do corpo.

Entre

[A iminência da primeira mordida do ouroboros em sua cauda]

□

O Entre seria a potencialidade do encontro, o toque entre a matéria e a poética da matéria. É o desejo não da materialidade da pedra mas a substantividade efêmera que escurece a matéria.

Notamos o Entre quando a forma se apresenta em sua fragmentação, em sua existência para o desgaste; a materialidade feita para se desmaterializar em percurso.

As rachaduras seriam incisões utópicas, e extremamente políticas, de como o corpo e o espaço são sempre matérias em constante diálogo. Os caminhos, as formas, as figuras seriam os tremores necessários para a subversão do espaço pelo corpo, marcando o frente a frente o quê cada um inscreve no outro.

185

Pensar o mundo como uma solidez estaria entre a tolice e uma ingênua esperança, inverso ao pensar que ele é sumos da matéria, em vontade de aproximação, uma urgência de contatos tão fortes que sua realização só cessaria na presentificação de desastres.

□

Se deixar ser vista pela rachadura.

□

Kabe Rodríguez.

Sexta-feira, 13 de abril de 2018. Em algum lugar do Distrito Federal, Brasil.

Nenhum homem no mundo

Nenhum homem no mundo esteve em exibição de 12 de janeiro a 3 de fevereiro de 2019. Com curadoria de Kabe Rodríguez para o projeto OLHO SELVAGEM de Mariana Destro para a galeria deCurators em Brasília. A exposição apresentou trabalhos de Agrippina R. Manhattan, Alexandra Martins, Alla Soüb, Ana Matheus Abbade, Bia Leite, Danna Lua Irigaray, Laura Fraiz-Grijalba, Luara Learth, Maria Eugênia Matricardi e Romulo Barros, além de performance sonora de Pietra Sousa.

186

No dia 8 de fevereiro, aconteceu VINTECUATRO: 24 horas de performances, ações e intervenções de Alla Soüb, Beatriz Perini, Carli Ayô, Kabe Rodríguez, Laura Fraiz-Grijalba, Maria Léo Araruna, Mariana Destro, Martha Suzana e Nebulosa Stoppa durante o encerramento da exposição.

Começou pela internet, meia-noite de quinta pra sexta, e continuou fisicamente no deCurators, sexta, a partir das 19h. As performances foram transmitidas pelo nosso instagram, @decurators.

<https://decurators.org/portfolio/olho-selvagem/>

Nenhum homem no mundo

Kabe Rodríguez, Brasília-DF, Janeiro, 2019.

No man in the world
No man in the world

The measure of any society is how it treats it's women
and girls

No man is big enough for my arms

No man in the world
No man in the world

No man is big enough for my arms¹

187

Quando tinha que responder questionários ou entrevistas sobre como é ser trans/travesti no Brasil me colocava em um dilema maior que as perguntas superficiais que normalmente entram em pauta quando a pesquisa é conduzida por uma pessoa cis; me pergunto “como posso resumir em poucas ou uma palavra?” a minha experiência enquanto travesti, talvez em uma vontade de encerrar aquela entrevista (anteriormente combinada) ou uma pergunta numa conversa casual. Por mais que ainda me questiono se é possível, enquanto travesti, resumir minhas vivências em um

[1] Fragmento da música No man is big enough for my arms lançada em 2017 no álbum “Ash” da dupla francesa Ibeyi

conciso adjetivo, tenho focado minha sede de resposta para um lado mais existencial da questão: “por quê?”. Assim como me propôr pensar como uma tentativa de dissolução ou interpretação de uma experiência pode passar por processos de “normatização”, ainda mais quando se há uma falta significativa de referências (a) diversas, me interessei pela inquestionável necessidade de FALAR. Quando me questiono sobre tantos dados, experiências, notícias, acontecimentos dentro do que é ser “mulheres” no Brasil, consecutivamente no Mundo, penso nas diversas vozes que ecoam, e, assim, no eco existindo.

Quando Linn da Quebrada lançou “Pajubá” em 2017, foi impossível não gritar do fundo para fora. Com muita inteligência e performatividade, Linn e Jup do Bairro cantam experiências e reflexões sobre falôcentrismos, travestilidades, necomancias, bixalidades, putarias/sentimentos/lutas (sendo eles descritos dentro de uma ótima micro ou macropolítica) com uma energia combativa. Algo que chamamos, na internet, de “hino”. O título do álbum não poderia sinalizar melhor o vocabulário de experiências e imaginários (reações, sentimentos, desejos) de grupos marginalizados e resistentes no país. Temos mais uma referência para carregar como munição, também como oralidade e corporeidade de pretas, travas, byxas, sapas, todes etc.

Também em 2017 a dupla de irmãs Ibeyi lançou o álbum “Ash”, no qual uma música me chamou a atenção na primeira ouvida. “Nenhum homem é grande o suficiente para os meus braços” é composta por fragmentos do discurso de Michelle Obama em New Hampshire em outubro de 2016, no qual ela aponta para o comportamento de Donald Trump e seu tratamento com as mulheres. Para além das diversas imagens que a frase “nenhum homem é grande o suficiente para os meus braços”, a constante repetição de “nenhum homem no mundo” me instigou a imaginar exatamente o que a frase diz: nenhum homem no mundo. As constantes toçadas fizeram não só que Pajubá e Ash se tornassem os álbuns mais escutados de 2017 e 2018, mas também que algumas questões percorressem um grande espaço de tempo até o momento do convite para integrar o ciclo Olho Selvagem, organizado por Mariana Destro no deCurators. deCu pres intimes.

Quais e como seriam os processos de IMAGINAR “nenhum homem no mundo”, na ordem da frase onde se evoca uma evacuação ou proibição ao invés de pensar “um mundo de nenhum homem”? Sendo a primeira um processo de exclusão e a segunda de criação fantasiosa onde imaginamos um mundo sem a “necessidade de”, assim, sem um conceito de falta. A enorme diferença

e minha maior vontade em perseguir essa questão por mais de um ano é o momento em que pensar sobre “nenhum homem no mundo” promove um pensamento para a ação. Não me aproximo aqui apenas numa ideia de manifestação, mas há processos de criação de mundos. Eu precisava, então, entender para além de uma catalogação de pensamentos sobre novos mundos, e encontrar no fazer, nas coisas feitas, as possibilidades de agir. A tátil revolução de se fazer o que se quer e o decepcionante embate com as questões de quais corpos podem fazer o quê.

É importante para mim pensar como temos que resolver problemas diariamente, e para além da imaginação, para além dos problemas de imagem (apontando aqui o embate que poder criar novas redes de apoio e troca pela internet esbarram com os problemas que as redes sociais exaltam). Precisei retornar para uma ideia de artesanaria ou artesanal, uma ideia muito simbólica aos meus aglomerados de mulheridades. Foi necessário confundir, separar e, em algum momento, abandonar os questionamentos sobre feminilidade/feminismo. Foi necessário aprender a fazer olhando pela primeira vez trabalhos e propostas com os olhos de quem urge por soluções. Assim, sendo testemunha de ações que movem as possibilidades de existir e criar. De sucumbir, derivar, debater, desejar e expor.

Sem a necessidade de vincular tantas questões a uma ideia de grupo ou movimento, mesmo que seja necessário falar cada vez mais sobre feminismos e mulheridades, foram registros e talvez documentos de que já existem outras formas de existir. Existem formas de combater a transfobia, existem diversas maneiras de se portar de forma não-racista, existem ações efetivas para combater o feminicídio.

191

Previamente a qualquer proposta para esta exposição, é necessário ver que ações e posturas estão sendo tomadas tanto como manifestações quanto como indicativos de que já existimos dentro de nossas próprias construções, talvez sem conseguirmos nos desvincular totalmente das normas que “indicam/aprisionam” a(s) ideia(s) de quem somos. Podemos pensar pela lógica que busca solucionar e inventar outras possibilidades para acabar com a violência patriarcal. Assim como podemos e devemos continuar também levantando questões (FALAR) que indiquem o caminho do pensamento para a ação, para o clássico “mão na massa”. Em momentos de violências extremas, que cada vez mais vivenciamos no Brasil, podemos começar agir-pensando.

PALAVRA, ANIMAL NÃO DOMÉSTICO

Curadoria: Kabe Rodríguez

Assistência curatorial: Natália Amorim e Renata Malheiros

Organização e consultoria (mesas e falas): Kabe Rodríguez e Livia Viganó

Projeto gráfico: Kabe Rodríguez e Pedro Joffily

Organização e montagem: projeto/galeria IINNVVISSÍVVEELL

192

20 de Março a 09 de Abril de 2019

Galeria Espaço Piloto (UnB)

Ana Matheus Abbade (SP)

Bia Leite (DF)

Mariana Destro (DF)

Igor Bahia (RJ)

Rômulo Barros (DF)

Renata Malheiros (DF)

Hermano Luz (DF)

Anabi (DF)

Agrippina Manhattan (RJ)

Exú do Absurdo (DF)

Letícia Miranda (DF)

Sankofáh Legbá (DF)

Lidice (DF)

Gustavo Silvamaral (DF)
Alla Soub (DF)
Livia Viganó (DF)
Rayza Targino Rodrigues (DF)
Mariana Paraizo (RJ)
Kabe Rodríguez (DF)
Stênio Freitas (DF)
Pietra Souza (DF)
Luciana Ferreira (DF)
Danna Lua (DF)
Ludmilla Alves (DF)
Fuio Printshop & Editora Piqui (DF)

193

ANIMAL CONSTRUÇÃO DISCURSO EXISTÊNCIA
FRONTEIRAS LINGUAGEM POLÍTICA ARTE
PROCESSO DEPOIMENTO SLAM PESQUISA
NEGRITUDE FEMINISMO DECOLONIAL LITERATURA
SOCIEDADE INTERNET AÇÃO CONFRONTO
AFROFUTURISMO SUBVERSÃO DIÁLOGOS
COTIDIANO PALAVRA

O projeto “Palavra, animal não doméstico”, foi uma exposição de caráter transdisciplinar que pretendeu discutir através da arte contemporânea, literatura e filosofia o lugar do discurso político na produção artística, além das relações sociais nos contextos da linguagem, pensando na palavra como animal de

não domesticidade, possivelmente selvagem, agente de transformações e ações diretas na sociedade. A “palavra” enquanto um termo além do vocábulo ou unidade de uma língua escrita ou falada; e também como significante de linguagem, movimento e pulso de vida, explorando a capacidade, assim como a necessidade, da manutenção e subversão de discursos, falas e outras ferramentas utilizadas cotidianamente como proposições a novas relações ao mundo em que vivemos.

Palavra então incorporada enquanto ser portador de vida; um ser animal, que em diversas situações passa por processos de domesticação, que na tentativa de o adestrarem quando se apresenta enquanto selvagem ao discurso hegemônico, apenas ferem sua carne. Essas ações são aqui questionadas pelas diversas pesquisas apresentadas, que através da literatura, filosofia, práticas de ensino e principalmente pela arte, posicionam-se de um lugar mais amplo, descercando o campo restrito do que costuma ser considerado como prática artística, produção de conhecimento ou até mesmo ato cotidiano de resistência às forças opressoras. Os trabalhos apresentados lidam com questões raciais, de gênero, com a conjuntura atual da política no Brasil, assim como estados mentais e íntimos em um jogo de relações macro e microcosmos.

Foi proposto um espaço de pesquisa e não só um espaço expositivo, o projeto se configurou como um facilitador de diálogos entre teoria e prática, aproximando as etapas de pesquisa da curadoria e da produção artística e/ou acadêmica de todos participantes. As trocas subjetivas entre artistas, escritores, pesquisadores, integrantes da exposição e público (externo e interno) se apresentaram como vozes potentes em diálogos políticos, subjetivos e transformadores das formas como enxergamos a produção de conhecimento e a relação da arte contemporânea com a sociedade que integramos.

195

Simultaneamente à semana de montagem, aconteceram quatro mesas de debate a partir de pesquisas diversas que permeiam direta ou indiretamente a exposição, seguidas da semana de propostas, onde o corpo de artistas irá desenvolver e apresentar propostas e projetos de trabalhos a partir de das intersecções entre suas pesquisas e as mesas de debate. Iniciar o projeto a partir das práticas de montagem aproximadas com as mesas de debate e propostas de trabalhos pois em prática diversas tentativas de horizontalizar os diálogos que podem ser estabelecidos entre público, equipe da exposição e artistas, gerando aberturas para que cada participação influenciasse os caminhos da exposição,

que não se propôs só exibir trabalhos de arte mas também se apresentou como um espaço de pesquisa e experimentação, confluindo em suas estruturas práticas de ateliê, residência artística, pesquisas teórico-práticas, conversas e debates .

196

As mesas propostas desenvolveram um papel importante para a pesquisa curatorial do projeto que entende o espaço expositivo para além de um encontro com obras expostas mas também como um espaço disponível para trocas subjetivas, teórico-poéticas e políticas. Assim, cada diálogo estabelecido entre os pesquisadores nas mesas surgiu como expansão dos diálogos entre os trabalhos expostos e as pesquisas que foram apresentadas nas mesas, tanto quanto o corpo de trabalhos que incluiu a semana de apresentação e execução de propostas. Foram quatro mesas discutindo linguagem, corpo, sociedade, políticas públicas, arte e subjetividade, arte e política, práticas de sobrevivência e diversos outros assuntos:

Na mesa A PALAVRA É NEGRA foram apresentados conceitos como afrofuturismo em seu contexto de movimento poético-político-estético, assim como foi discutido o lugar da linguagem em relação à raça nos contextos sociais do nosso país, levantando questões

sobre racismo, dívida histórica e resistência pela arte. A mesa explorou novas formas de entender a produção de conhecimento fora de um ideal hegemônico e academicista, pensando nos corpos negros que seguem produzindo cultura, arte e história com suas vivências..

Na mesa A PALAVRA É CONSTRUÇÃO apresentou pesquisas que lidam com a produção artística pelo viés da apropriação de diversas linguagens assim como as práticas de subversão das mesmas. Nas pesquisas, são levantadas estratégias para ressignificar o que é literatura, arte, aprendizagem e cultura, movendo tais conceitos para lugares mais fluidos e transdisciplinares.

Em A PALAVRA É CORPO estiveram em debate questões como representatividade e transgressão, partindo do lugar do corpo como matéria crucial para as pesquisas. Dos lugares onde a filosofia, a literatura e a história da arte se relacionam para levantar problemas estruturais na sociedade em que vivemos, propondo questionamentos em relação à representatividade de corpos não-normativos, o lugar da poética na arte e na política e as incertezas que percorrem as narrativas desses corpos.

Encerrando a semana de mesas e o projeto em si, A PALAVRA É SELVAGEM trouxe discussões acerca dos trabalhos de quatro artistas e suas pesquisas em relação aos conceitos de selvagem, aplicados de maneiras diversas em cada poética, lidando com a extrema duplicidade da arte e a vida; assim como discutem também a existência dos discursos e narrativas que entram em confluência quando aproximamos as questões da vida com as questões das artes, tornando as questões cotidianas entre políticas e subjetividades mais evidentes.

A PALAVRA É NEGRA (part.: Pietra Souza, Sankofah Legbá, Leticia Miranda);

A PALAVRA É CONSTRUÇÃO (part.: Rayza Targino Rodrigues, Bia Leite, Alla Soub);

A PALAVRA É CORPO (part.: Agrippina Manhattan, Livia Viganó, Mariana Destro);

A PALAVRA É SELVAGEM (part.: Ludmilla Alves, Luciana Ferreira, Danna Lua e Kabe Rodríguez)

Integrando a semana de propostas: Alla Soub, Ana Matheus Abbade, Bia Leite, Leticia Miranda, Danna Lua, Luciana Ferreira, Ludmilla Alves, Romulo Barros, Lidice, Anabi, Lidice. Bahia.

2. Currículo ou Mapa dos territórios da onça

Currículo ou mapas dos territórios da onça

(o ano inicia e eu estou sem casa)

1/2017

Aprovada no processo de seleção do mestrado em artes visuais na linha de pesquisa Metodos e processos em arte contemporanea.

202

Exposição – Imprestável, na Galeria Espaço Piloto (UnB), Brasília.

Defesa do TCC “Antes que o mundo acabe acabar com o mundo...”

2/2017

Início das aulas. Conquisto os direitos à moradia estudantil e à bolsa de pesquisa do CNPq.

1/2018

Exposições:

Inferninho katya flavya , curadoria Culto das Malditas + A Pilastra, no espaço Pilastra. Guará II - DF

Ondeandaanda III - Galeria Espaço Renato Russo - Brasília - DF

Coisas mais ou menos mal feitas - espaço Pilastra,

curadoria de Natália Amorim. Guará II - DF

A retomada da imagem será a presença - Galeria Orient, curadoria de Agrippina R. Manhattan - Rio de Janeiro - RJ

2/2018

Executo no espaço A Pilastra minha primeira curadoria Todo Espaço Entre. Início o processo de residência artística chamado AVALANCHE/REVANCHE juntamente da artista Thalita Perfeito na Aliança Francesa de Brasília.

203

(Perco o direito à bolsa de pesquisa)

Executo a intervenção Confronto de Banda: 300MHz (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rJuneztIOzE>) no prêmio Transborda 2018 na Caixa Cultural Brasília - DF

(Sou expulsa da moradia da pós-graduação por articulações transfóbicas. Fico sem orientador por quase um semestre)

1/2019

Sou convidada pela curadora Mariana Destro a construir um projeto de curadoria feminista na Galeria

DeCurators (Brasília) no ciclo de exposições Olho Selvagem. Apresento a exposição “Nenhum homem no mundo”.

(Encontro lar entre amigas)

Exposições:

- PACTO - espaço Pilastra, curadoria de Lukas Delfino. Guará II - DF
- Elegia para Nilce - Curadoria de Gisel Carricone, Galeria DeCurators - Brasília/DF

Curadoria:

- Palavra, animal não-doméstico - Galeria Espaço Piloto - Universidade de Brasília

(por necessidade me mudo para o Rio de Janeiro)

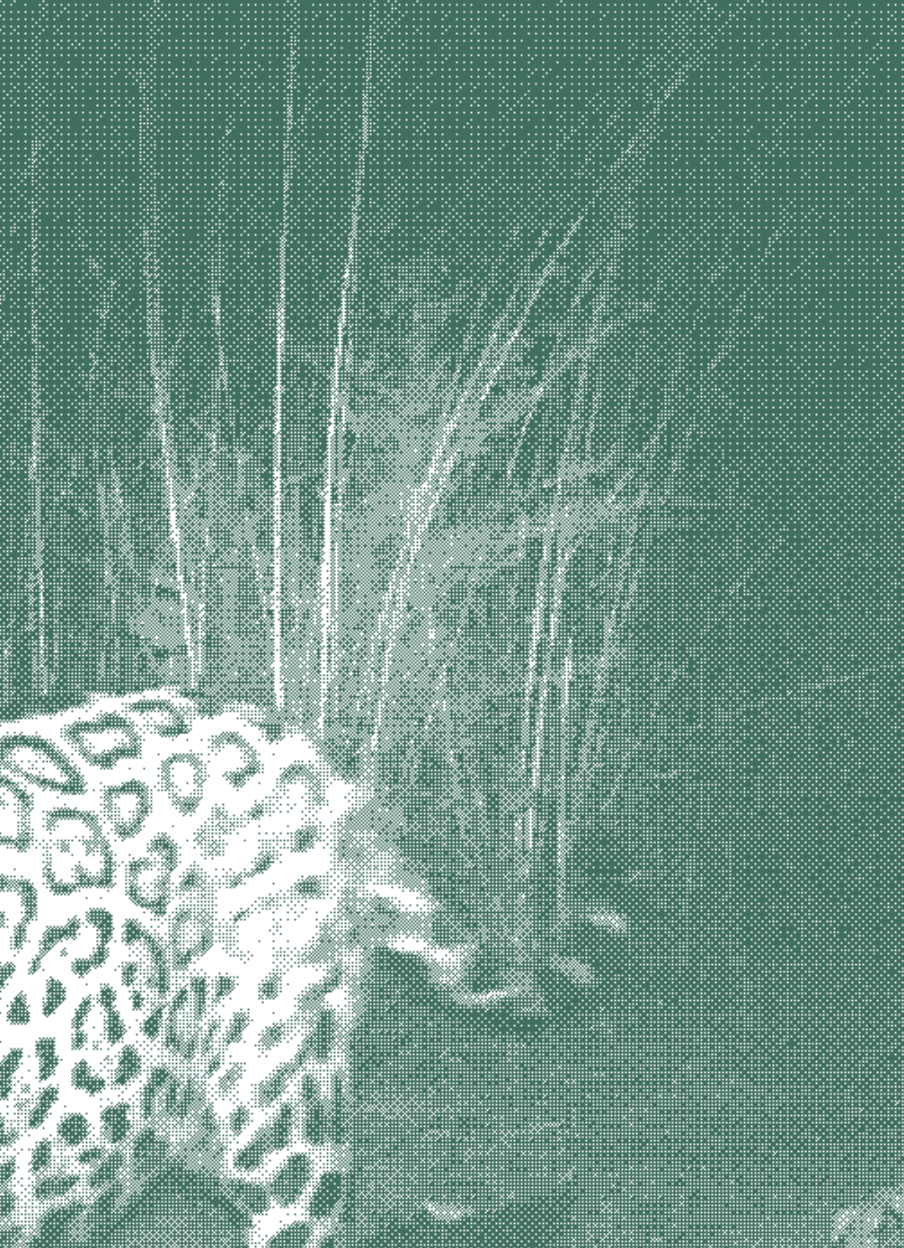
Residências:

- Retiro DA Noiva - residência artística na Igreja do Reino da Arte (ANOIVA), na Rocinha - Rio de Janeiro.

Leciono o curso “Constranger a pintura” na Escola de Artes Visuais do Parque Lage dentro do programa Formação e Deformação 2019 (EMERGÊNCIA E RESISTÊNCIA) no Rio de Janeiro.

Apresento o trabalho de informativos sobre a travestilidade brasileira na exposição “Experiências ímpares” na Galeria Virginia Tamanini, em Vitória-ES.

2/2019
(presente)



V.

Anexos:

anexos e

outras infor-

mações

Transfobias institucionais

- Inserir-se em uma lógica farmacêutica, ter-que-se-tornar *Autoendocrinolobista*;
- Torna-se uma pilha de documentos para que se possa ser entendida como existência;
- Iniciar uma conversa que reivindica a valorização das pesquisas delas, e ouvir a palavra “ele”;
- Ser expulsa de um espaço por inadequações forjadas, construídas para as lógicas de exclusão (práticas de extinção);
- Não ser encontrada; reprovar as disciplinas por causa do nome social.

A verdade é que eu posso sim pesquisar qualquer tema que a universidade me proponha, eu assim como vocês sou pesquisadora. Inclusive para a surpresa da cisgeneridade nós travestis de fato pensamos. Mas me recuso deixar que se perpetuem políticas transfóbicas dentro da academia. Não é possível tolerar um cenário que me obriga a colocar minha identidade em forma de nota de rodapé, explicando um conceito que parece misterioso ou específico para pessoas trans.¹

¹ Agrippina R Manhattan, em *Corpos em trânsito: Corpos Transvesti-generes e o Espaço Público*. Disponível em <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2017/Agrippina%20Candido%20Viegas%20Pequeno.pdf>

Legendas do Arsenal

210

1. Indianare Siqueira em seu ato estético-político no protesto 'Meu Peito, Minha Bandeira, Meu Direito' organizado pela mesma em 2013 no Rio de Janeiro.
2. Jota Mombaça (Monstra Errática). The colonial wound still hurts / La herida colonial aun duele / A ferida colonial ainda dói. Performance: 11/10/2015, Veneza.
3. Kabe Rodríguez, Antearqueologia de si (2) ação em site specific, vídeo, 2016. <https://vimeo.com/169093798>
4. Kabe Rodríguez, Performance 35?, da série Confronto de Banda. Performers Kabe Rodríguez (ações), Raul Irigaray (bateria) e Cy Goldinho (leitura) | Assistência e apoio Raíssa Studart. Apresentada na Exposição IMPRESTÁVEL na Galeria Espaço Piloto na Universidade de Brasília, 23 de Junho de 2017.
5. Kabe Rodríguez, Performance 35?, 2017.
6. Kabe Rodríguez, Performance 35?. Instalação da palavra instituição escrita com sangue retirado na galeria. 2017. Foto Pedro Lacerda.
7. Kabe Rodríguez, Abcedário em chamas, instalação,

2018 / Jardim Travesti, instalação e intervenção com plantas. Apresentadas na exposição A retomada da imagem será a presença no Rio de Janeiro. Curadoria de Agrippina Manhattan.

8. Kabe Rodríguez, Abcedário em chamas, instalação (imagem do acionamento do trabalho), 2018 .

9. Kabe Rodríguez, Abcedário em chamas, instalação (detalhe), 2018 .

10. Kabe Rodríguez, Letras S,O,B,R,E,V,I,V,E,R da palavra SOBREVIVER, da série Abcedário em chamas, placas de madeira pirografadas e queimadas, 2018. Na exposição Palavra, animal não-doméstico, 2019. Curadoria Kabe Rodríguez.

11. Ventura Profana, Profecia de Vida, Processo da performance “O REINO É DAS BICHAS” na Kuceta - Pós pornografia. 2018. <https://www.youtube.com/watch?v=aaT-R3oGJ94>

12. Kabe Rodríguez, AVAST EXPERIENCE. Performance para DJS, Duração: 1h42min. Com Malena Stefano, Kurupp, Jaçira. 2017. <https://vimeo.com/258189720>

13. Kabe Rodríguez, AVAST EXPERIENCE, registro dos participantes da performance. 2017.

14. Kabe Rodríguez, retrato para Espaços da Fala. “quando estou sorrindo eles acham que vou morder”, 2017.

15. Kabe Rodríguez, “Dois atos para o silêncio” da série Espaços da Fala. Fotoperformance, aplicação de piercing, produtos de limpeza, anzol, nylon, aquário, vidro, madeira, espelho, lâmpadas tubulares, luminária, pescados, óleo essencial e 6 moldes de garganta em alginato. Instalação, 2018.

16. Kabe Rodríguez, “Dois atos para o silêncio”, detalhe, 2018.

17. Kabe Rodríguez, “Dois atos para o silêncio”, detalhe, 2018.

18. Kabe Rodríguez, “Dois atos para o silêncio”, detalhe, 2018.

19. Kabe Rodríguez, “Dois atos para o silêncio”, detalhe, 2018.

20. Kabe Rodríguez, Travestis Pátria, incensários de barro e performance, 2018.

21. Kabe Rodríguez, Nação Travestis Mata, incensários de barro, argila fresca e performance, 2019.

- 22.** Kabe Rodríguez, Nação Travestis Mata, acionamento do trabalho com incensos, 2019.
- 23.** Kabe Rodríguez, Nação Travestis Mata, registro de performance, 2019.
- 24.** Kabe Rodríguez, Nação Travestis Mata, registro de performance, 2019.
- 25.** Agrippina R. Manhattan, A linha e a agulha. Painel de LED e extensões elétricas Instalação, 2018. <https://vimeo.com/329833107>
- 26.** Agrippina R. Manhattan, “A perigosa”, Videoperformance, 57”, 2018. <https://vimeo.com/329191775>
- 27.** Kabe Rodríguez, Vitória é Travesti (Troféu Campeã do Primeiro Campeonato Choque de Monstro) , objeto, 2018.
- 28.** Kabe Rodríguez, “Confronto de Banda: 300 (MHz)” da série “Confronto de Banda. Performance/Intervenção com duração de 1 hora. Performers/Participantes: DATA ASSAULT, DJ Tyrone, Pietra Souza, Culto das Malditas, Kiki House of Caliandra, Kiki House of Padam e Facão de Bamba. Performers/Articuladoras: Mile Lemos, Martha Suzana, Rômulo Barros, Gustavo

Silvamaral. Fotografia: Luiz Ferreira. Técnicos de som: Matheus Vinhal e Ramiro Galas. Intervenção no Prêmio Transborda na Caixa Cultura Brasília, 2018.

29. Kabe Rodríguez, “Confronto de Banda: 300 (MHz)”, Intervenção. Registo feito por câmera analógica distribuída durante ação, 2018.

30. Imagem recebida pelo Whatsapp.

31. Castiel Vitorino Brasileiro, Como se preparar para guerra. Performance^{1º} Seminário Afronta - Compartilhando Saberes e Afetos. Vitória, 2017. https://www.youtube.com/watch?v=NX8_rT6lA0k

32. Ventura Profana & podesperdesligado. Homenzinho Torto (ao vivo). Cântico dos Cânticos, (Galla on Fire). Composição - Ventura Profana / Produção musical - podesperdesligado. 2019.

33. Kabe Rodríguez, Câmera onça, vídeo. 2018. <https://www.youtube.com/watch?v=W7Gx9ywLG48>

34. Kabe Rodríguez, Câmera onça, still de vídeo. 2018.

35. Kabe Rodríguez, Onça informative, projeto de panfletos e cartazes, 2019.

36. Kabe Rodríguez, Onça informative, projeto de

panfletos e cartazes, 2019.

37. Kabe Rodríguez, Onça informative, projeto de panfletos e cartazes, 2019.

38. Kabe Rodríguez, Onça informative, projeto de panfletos e cartazes, 2019.

39. Kabe Rodríguez, Onça informative, projeto de panfletos e cartazes, 2019.

215

40. Kabe Rodríguez, Onça informative, projeto de panfletos e cartazes, 2019.

41. Kabe Rodríguez, Onça informative, projeto de panfletos e cartazes, 2019.

42. Kabe Rodríguez, Onça informative, projeto de panfletos e cartazes, 2019.

43. Kabe Rodríguez, sem título, bandeira desfiada, 2018.

44. Kabe Rodríguez, bandeira “Somos amigos da onça”, stand-art, detalhe, 2018.

45. Castiel Vitorino Brasileiro, Aqui consigo falar, Série fotográfica. Quiliombo do Pai Felipe. Santos-SP, 2018.

46. Foto gerada por armadilha fotográfica na Reserva

Natural Vale no Espírito Santo. A imagem integra a instalação “sem título (ou Mata para Lugar Secreto)”, Papel de parede, quarto completo, fotografias de armadilhas fotográficas de onças, madeira e tv com documentário “Lugar Secreto”, Retiro D’A Noiva na Igreja do Reino da Arte, Rocinha-RJ, 2019.

47. Kabe Rodríguez, País Campeão Travestis, escultura, Residência AVALANCHE/REVANCHE na Aliança Francesa, Brasília, 2018.

48. Kabe Rodríguez, País Campeão Travestis. Detalhe, 2018.

49. Yhuri Cruz, Monumento-documento à presença. Pesquisa e contrato ético | Montado na exposição Formação e Deformação, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, 2018.

50. Yhuri Cruz, detalhe da ausência das assinaturas dos representantes da instituição EAV Parque Lage. O contrato segue não assinado, sem qualquer tentativa de consenso ou negociação de cláusulas com a instituição, que se mostrou desinteressada / impossibilitada a um diálogo. (20/01/2019).

51. Yhuri Cruz, Monumento à voz de Anastácia, santinhos, 2019.

- 52.** Yhuri Cruz, Monumento à voz de Anastácia, detalhe, 2019.
- 53.** Lyz Parayzo, Putinha Terrorista, panfletos lançados na frente da galeria A Gentil Carioca, 2018.
- 54.** Lyz Parayzo, Putinha Terrorista, panfletos, 2018.
- 55.** Lyz Parayzo, Putinha Terrorista, panfletos, 2018.
- 56.** Kabe Rodríguez, Exército do Amor, recrutando militantes para o exército do amor, inserção e performance, 2016-2017. 56a, 56b, 56c, 56d. Kabe Rodríguez, prints de perfis no Tinder, “Exército do Amor”, 2016-2017. Kabe Rodríguez, Exército do Amor, recrutando militantes para o exército do amor, inserção e performance, 2016-2017.
- 57.** Kabe Rodríguez, THE NEED OF THE BODY. Curta-metragem documental em instalação com três projeções. Stills dos vídeos “The need of the body: Ambos”. 2017.
- 58.** Kabe Rodríguez, THE NEED OF THE BODY. Curta-metragem documental em instalação com três projeções. Stills dos vídeos “The need of the body: Ambos”. 2017.

- 59.** Kabe Rodríguez, THE NEED OF THE BODY. Curta-metragem documental em instalação com três projeções. Stills dos vídeos “The need of the body: Ambos”. 2017.
- 60.** Ana Matheus Abbade, Revide, 2017.
- 61.** Regina José Galindo, La Verdad, performance, Guatemala, 2013.
- 62.** Kabe Rodríguez, Lugar Secreto, documentário, 2019. <https://www.youtube.com/watch?v=jz4ItnT17gI&t>
- 63.** Kabe Rodríguez, Lugar Secreto, still de vídeo, 2019.
- 64.** Tertuliana Lustosa, Cuceta, curta-metragem documental, performance: Tertuliana Lustosa e Sara Elton Panamby, 2017. <https://vimeo.com/234362743>

Referência Bibliográficas

ABPFISIO. FUNRIO - SESDEC/RJ 2008 - Questão 19. 12 de fevereiro de 2014. Disponível em <https://questoesdefisiocomentadas.wordpress.com/2014/02/12/funrio-sesdec-rj-2008-questao-19/#comments>. (acesso em 25 de outubro de 2017)

ANZALDUÁ, Glória. *Como domar uma língua selvagem*. Cadernos de Letras da UFF, Dossiê: Difusão da Língua Portuguesa, n. 39, p. 297-305. Rio de Janeiro, 2009.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. *macumba de travesti, feitiço de bixa: malva*. 2019. (5m34s). Disponível em: <<https://youtu.be/UijsMmmyAS4>>. Acesso em: 02 set. 2019.

CALVINO, Italo. *Todas as cosmicômicas*. São Paulo. Companhia das Letras. 2007.

CÉSAR; KILOMBA; MCCARTY, “CONAKRY”. 2016. (10min45s). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=7YkldKs93jE>>

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos Vagalumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas : uma arqueologia das ciências humanas*. 8ª ed. Coleção tópicos. São Paulo : Martins Fontes, 1999.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos Vagalumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* WMF Martins Fontes, 2. ed, 2017.

_____. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

_____. *Love as the practice of freedom*. In: *Outlaw Culture. Resisting Representations*. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 243-250. Tradução para uso didático por Wanderson Flor do Nascimento.

KILOMBA, Grada. Quem pode falar?, 2016. Tradução: Anne Caroline Quiangala. Disponível em <http://www.pretaenerd.com.br/2016/01/traducao-quem-pode-falar-grada-kilomba.html> (acesso em 13 de Outubro de 2017)

LARSEN, Ernest. *Ordinary gestures of resistance*. In: *Space, site, intervention: situating installation art*. University of Minnesota Press, 2000

LUSTOSA, Tertuliana. MANIFESTO TRAVECO-TERRORISTA. Revista Concinnitas, Rio de Janeiro, ano 17, volume 01, número 28, p. 384-409, setembro de 2016. Disponível em <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/25929/18560>>

MALUNGUINHO, Erika. *Fala na Plenária Esporte - Atuação de atletas transgêneros*. 25/06/2019 - 14:51, (4h44min19s). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ks3yfbKaPdo>> acesso 20 de Outubro.

MANHATTAN, Agrippina. *Corpos em trânsito: Corpos Transvestigeneres e o Espaço Público*. 2017. Disponível em <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2017/Agrippina%20Candido%20Viegas%20Pequeno.pdf>

MOMBAÇA, Jota. *O Mundo é meu trauma* (2017). PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 11, página 20 - 25, 2017. Disponível em <https://piseagrama.org/o-mundo-e-meu-trauma/>

_____. *Notas estratégicas quanto aos usos políticos do conceito de lugar de fala*. 19 Julho 2017 Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/corpo/notas-estrategicas-quanto-aos-usos-politicos-do-conceito-de-lugar-de-fala>>

_____. *Pode um cu mestiço falar?*, 2015. Disponível em <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>

_____. *Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada*. Revista concinnitas | ano 17, volume 01, número 28, setembro de 2016.

PROFANA, Ventura. *Profecia de vida*. 2018. (4m3s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aaT-R3oGJ94>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos Essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

**VI. Dedico
a elas esta
pesquisa**

Dedico a elas esta pesquisa

224

Uma das maiores dificuldades de tentar iniciar um capítulo de conclusão é ter que repassar os objetivos propostos e ter que entender em sua essência, e necessidade, eles foram rapidamente dilacerados pela lógica acadêmica que eu me dispôs a estar. Talvez entender onde falham os objetivos de uma pesquisa artística no meio ambiente da pós graduação seja em si uma potência enorme a ser explorada, porém quando proponho levantar questões de uma prática indisciplinada de sobrevivência enquanto uma prática artística e escrevo que meu objetivo geral e principal é sobreviver (fig. 10) e este objetivo é posto em situação de fragilidade, não é mais sobre as falhas e suas potências artísticas. Quando o objetivo principal da pesquisa é sobreviver, é necessário que a mesma gere oportunidade de alimentação e moradia, pela sobrevivência também epistemológica... Essa corpa que neste momento enfrenta os embates da escrita e a dificuldade de colocar nas palavras as dores que foram causadas e sentidas, os conflitos em se criar uma teoria em que o combate às estruturas hegemônicas, das práticas de extinção dos corpos dissidentes e nossa produção de conhecimento, seja explícita e que vá com os dentes diretamente às questões das violências no ambiente acadêmico artístico. Um novo problema

surge... como então sinalizar à eles que quando mostro os meus dentes estou tentando sorrir e não morder? (fig. 14)

Entender que o meio ambiente acadêmico poderia gerar potenciais de qualidade de vida, em instâncias mínimas, surgiu para além de fazer parte à metodologia da pesquisa. Já não estava em busca, mesmo que a necessidade sempre fosse um ponto focal para inserir no projeto as táticas de sobrevivência e resistência às violências diárias de mim e tantas outras travestis. Estar na busca da excelência, na qualidade de vida, nas potências de vida, se tornou a única meta possível. Era agora uma exigência que os próprios embates da minha trajetória na pós graduação levantaram... Eu tive, então, que desaprender o meu próprio projeto quando este começou a se desentender com seu ambiente de convívio. A partir deste momento, a pesquisa já havia escorrido para fora dos parâmetros acadêmicos. Sobreviver já é entendido através de suas poéticas, sobrevivência já se apresenta como uma poética em si. Mas qual seria ou onde estaria a poética em se exigir da universidade e do programa de pós-graduação que não só aceitassem nossa presença mas que estivessem prontificados à proteger nossas corpos das estruturas institucionais nocivas às nossas pesquisas, ou seja, nossas corpos. Não seria difícil para a academia absorver

mais uma lógica combativa cerceando às normas do pensamento acadêmico, porém tal ação exigiria da própria instituição do pensamento acadêmico, a universidade e seus programas de pós-graduação, uma subversão do que seria uma produção acadêmica e teórica válida para um campo mais amplo onde vozes dissidentes não só produzissem uma pesquisa vista como apenas específica, e sim, como essenciais à luta contra o discurso hegemônico que permeia nossa sociedade e por tanto os espaços de produção do pensamento crítico.

As palavras que foram guiando a pesquisa talvez tenham sido lidas como brutais demais para o discurso adestrado da resistência através da arte. Talvez a academia não estava disposta ou preparada para ouvir, novamente, que ela teria que alimentar diversas bocas que o governo não está disposto a deixar que possam se alimentar. Definitivamente, a academia está mais próxima de uma prática de extinção dos pensamentos críticos dissidentes à própria academia. Porém não consigo pensar em outras palavras senão as da Monna Brutal "A monstra, Monna bruta / Tô no jogo e esse game eu vim zerar / A demônia das linhas pode começar a rezar / Lágrima de paqueta / Quadruplica o rendimento / Monna pras íntimas pro puto meu vulgo é tormento / Lucrando a cada verso meu deboche

eu fomento / Pilantra passa fome se nossa derrota é
alimento / Puto Tolo Somos as “mina chave” do torro /
212 pra noiz, é lembrancinha amiga / Só cordão de ouro
na porra do meu pescoço / E agora eu te pergunto qual
é o gosto / Fala aqui no meu ouvido qual que é o gosto
/ De ver quem tu tirou / Virar máquina de placo / Eu
tenho uma gaiola cheia de onças no meu bolso”

Obviamente, gaiola e um símbolo para carteira, e onças
notas de cinquenta reais, que dentro de uma lógica
capitalista não seria problema algum para ninguém,
e é nesta lógica que estamos inseridas, então não é
problema nenhum para mim também. Quantas travestis
tem onças em seus bolsos?

227

Nunca estive disposta, e enquanto anuncio isto
me entendo como a pesquisa, e ambas nunca
estivemos dispostas a entender a prática como uma
submetodologia. Se entender a indisciplina fosse
aceitar a lógica imposta ao conhecimento entendido
como válido, legível e legítimo à academia, isso tendo
que aceitar acordos e tratamentos violentos assim
como falas preconceituosas, então este trabalho
já não se produziria investigar teoricamente e
nem cartograficamente os lugares da indisciplina.

bell hooks resume de uma forma certa algo que

esquecemos com facilidade quando estamos construindo um pensamento teórico e crítico que se forme dentro das práticas de resistência, ela diz “a posse de um termo não dá existência a um processo ou uma prática; uma pessoa pode praticar a teorização sem jamais conhecer/possuir o termo”. (ensinando a transgredir, pg 86) É aqui que nos encontramos, onde sinto que o trabalho não nos aproxima da palavra indisciplina, não em termos de associação e entendimento de suas configurações. De fato, ele não é sentido como uma prática indisciplinar, muitas vezes ele só se sentiu como uma ruptura que não necessariamente fosse benéfica ou libertadora¹, sem se identificar com qualquer termo. Talvez este trabalho não consiga transcrever ou definir-se como indisciplinado.

Eu gostaria de agora poder chamar 40 travestis para escrever essa conclusão comigo².

[1] “O espírito de resistência não veio do além ou acima, mas de dentro. A escolha nem sempre implica liberdade, mas abre um espaço no qual a vida no mundo pode ser humanizada. O conceito do cotidiano é, portanto, parte de uma longa tradição na identificação das potencialidades para a prática crítica, e por oferecer interpretações alternativas sobre o que faz a “boa vida”. Tradução livre. Nikos Papastergiadis em Everything that surrounds : art, politics and theories of the everyday.

[2] *Preciso definir meu método como um processo diluído de autoria; são tantas coisas que vem de outras que o sentido é posse delas enquanto o conhecimento corpa coletiva. Quarenta travestis é pouco, eu chamo é mais...* Neste momento da pesquisa já não sabia se (deveria) entender as regras acadêmicas sobre o que seria válido e de quali-

Preciso não escrever um manual de ética, mas rasgar todas as recomendações que me impedem de aderir à linguagem do meu desespero. (..) Preciso não escrever sobre como atravessar um processo perante o qual me sinto perdida. Preciso não escrever sobre o que fazer quando estou paralisada. Se posso arrancar da paralisia e da confusão um outro modo de escrita, preciso escrever sem garantias de que escrever mostrará as saídas; escrever com o risco de mergulhar em espiral negativa e me afogar no ar seco da dúvida. Preciso não escrever, mas insisto e escrevo. Uma promessa e uma dívida: de mesmo em face do máximo despojamento, preservar com a própria vida esse risco³.

Me perguntei ao longo de diversas anotações porque insistir em uma pesquisa que tinha tomado o curso inverso de se tornar uma prática de sobrevivência assumindo um conflito interno em assumir que agora era importante sobreviver ao texto. Não só entender o texto, parte material e institucional, como ferramenta

dade para a produção teórica de conhecimento então decidi focar meus processos de estudos dentro dos processos de cura e fortalecimento que minhas amigas estavam me ensinando. Pude perceber a materialização das táticas de resistência como sistemas de criação de potência de vida e combate dissidente às práticas de extinção (das corpos pretos transvestigeneres). Ingressei a Primeira Escola de Indisciplina e Sobrevivência das Travestys no Brasil. .

[3] Jota Mombaça (2017)

de luta em que tomando posse desse espaço, poderia ter guiado a pesquisa para direções distintas às precarizações⁴ geradas pelos conflitos epistemológicos e estruturais entre *uma travesti mestiça e pobre propondo práticas subversivas às instituições e suas formas de poder*. Quis reverter qualquer ideia de ordem e progresso ao longo dos enfrentamentos⁵ substituindo-as por uma ideologia de proteção & oportunidade.

230

Substituir os escritos de uma bandeira, em um diálogo mental, não seria suficiente para entender que agora, enquanto artista e pesquisadora, me proteger e gerar oportunidades de para minha sobrevivência seriam essenciais a minha prática acadêmica e artística. Precisei aprender macumbas travestis⁶ (fig. 20-24), não

[4] “A problemática em torno da precariedade que ronda as travestis está nas mãos das pessoas cisgêneras. Vocês possuem uma dívida histórica conosco. Por toda desumanização que nos causaram e continuam causando por evitar se colocarem contra ela.” Maria Clara Araujo Brasileiros possuem uma dívida histórica com as Travestis <http://blogueirasnegras.org/brasileiros-possuem-uma-divida-historica-com-as-travestis/>

[5] Enfrentamentos substitui a ideia de “apontamentos da pesquisa”, questões e situações que seguiram pontuais à pesquisa e minha prática artística, tendo em vista que situações adversas e *glorificações travestys* também são entendidas como direcionamentos para o desenvolvimento deste trabalho como um todo. Perrengues, labutas, confrontos, carinhos e descansos também são entendidos como pesquisa.

[6] BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **macumba de travesti, feitiço de**

carregar o que não é meu porque o trauma é deles; precisei aprender novas profecias de vida⁷ (fig. 11), renunciar a morte exigindo vida. *Aprendi com as gatas* que processos de construção de práticas decoloniais-dissidentes e resistentes-transvestigeneres partem de uma construção de amizades e trocas afetivas de potencialização da luta.

Mas minhas urgências⁸ se distanciaram da tentativa de teorizar ou entender qualquer teoria pelo viés que a academia insistia em impor; foi necessário abandonar a pesquisa para que os outros processos de construção de conhecimento, aprendizagem pela indisciplina, a teorização como resistência, *a sobrevivência pela nossas*. Abandonar a pesquisa enquanto um combate à qualquer estrutura que tentasse extinguir *a travestilidade do trabalho*; que a marginalidade da pesquisa fosse assumida com propriedade e pudesse confrontar as autoridades que deslegitimam nossa produção de conhecimento

bixa: malva. 2019. (5m34s). Disponível em: <<https://youtu.be/UijsM-mmyAS4>>. Acesso em: 02 set. 2019.

[7] PROFANA, Ventura. **Profecia de vida.** 2018. (4m3s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aaT-R3oGJ94>>.

[8] “É urgente para alguns corpos relatar as suas realidades, considerando intensidades sensitivas, vozes e escutas, tensões e paralisias.” Tertuliana Lustosa, Manifesto Travecto-terrorista revista concinnitas | ano 17, volume 01, número 28, setembro de 2016 pg389 <disponível <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/25929/18560>> “

como inteligível ou inadequada. Entendendo o coração da pesquisa como “uma ferramenta ativista do lugar de fala”⁹ que “desautorize a ficção segundo a qual partimos todas de uma posição comum de acesso à fala e à escuta”¹⁰ libertando a pesquisa de uma obrigação de se submeter aos parâmetros e exigências (das vozes) hegemônicas.

232

Quando me questionaram, durante uma apresentação de meu trabalho enquanto artista em uma disciplina da pós-graduação, o *porque da palavra travesti e não outra coisa melhor?* Não conseguia entender porque minha identidade estaria passível de questionamento ainda mais em uma ótica pejorativa do que seria ser travesti. Confusa, só conseguia pensar “travesti, que palavra linda!”¹¹. Muitas vezes o estado de uma prática indisciplinada (ou indisciplinar?) segue subentendido a aqueles que podem disciplinar; algumas transgressões acontecem sendo apenas notadas por quem se sente atingido. Há uma instância de surpresa, adrenalina,

[9] Jota Mombaça., Notas estratégicas quanto aos usos políticos do conceito de lugar de fala. 19 Julho 2017 <<http://www.buala.org/pt/corpo/notas-estrategicas-quanto-aos-usos-politicos-do-conceito-de-lugar-de-fala>>

[10] Idem.

[11] “Decolonização, que palavra linda” início da fala de Grada Kilomba em “CONAKRY” por Filipa César, Grada Kilomba e .Diana McCarty, 2016. (10min45s). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=7YkldKs93jE>>

quando algo é apontado como “subversivo”, principalmente quando se está apenas exercendo seus direitos cotidianos de ser. Sendo a transgressão e a surpresa efeitos possíveis da indisciplina, como poderia seguir minha escrita não me dando o direito dela ser o que ela é: uma prática indisciplinada de sobrevivência, agora, nestas palavras, as obrigações acadêmicas.

Talvez seja o momento de entender esta pesquisa como uma denúncia. Podemos partir da extensa contribuição dos trabalhos acadêmicos de Jota Mombaça, assim como da fala da deputada Erica Malunguinho em uma audiência pública¹² sobre a participação de pessoas trans no esporte, referente à situação da atleta Tiffany Abreu e seu desempenho no vôlei feminino. Malunguinho diz “é uma denúncia para a sociedade brasileira eu ser a primeira deputada transgênero a ser eleita no Brasil”, levantando o problema de representatividade da transgeneridade e outras “identidades subjetivadas” em relação à nossa existência. Cada presença dissidente incita um estado de denúncia às forças opressoras e aos discursos hegemônicos, sinalizando sua despreziosa indisciplina quando, de fato, se está apenas existindo.

Hoje encontrei uma amiga no ônibus, ela indo em

[12] Fala da deputada Erica Malunguinho, no minuto 59min55 - **Esporte - Atuação de atletas transgêneros - 25/06/2019 - 14:51, (4h44min19s)** <disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ks3yfbKaPdo>> acesso 20 de Outubro.

direção a uma entrevista e emprego e eu indo escrever este texto. Compartilhando expectativa e anseios dos nossos cotidianos, ela me relatou o nervosismo que estava sentindo cada vez que chegamos mais próximas ao ponto que ela desceria. Na noite em que recebeu o convite para tal entrevista, estava chorando com a namorada por falta de oportunidade de emprego. Uma realidade travesti, que não deixariam de moldar nossas vivências, porém não limitariam nossas perspectivas revolucionárias cotidianamente reivindicadas e exercidas. Duda então diz “nós vamos dominar o mundo”, uma postura combativa de perspectiva próspera substitui a narrativa da gratidão pela oportunidade. Uma construção visionária subversiva impulsionada em dominar os espaços que nos são excludentes, como o mercado de trabalho até o direito ao afeto.

Lembrei, enquanto conversava com Duda, que na semana passada uma amiga não-binária era atacada, *junto de outras manas*, por MCs homens que estavam incomodados com a presença recente das travestis e trans (não-binárias) na batalha de R.A.P. na Universidade de Brasília, conhecida como *Batalha da Escada*. A participação de MC N`Znga e tantas outras estava causando um conflito interno entre os homens participantes da batalha, não só porque é proibido ofender com comentários lgbtfóbicos,

racistas e misóginos, mas também porque elas estavam simplesmente se saindo melhor na competição. É óbvio que nossa ocupação física e articulações coletivas transformam nossa realidade, sendo ela uma teoria da inevitável transformação social que a *Dominação Travesti* trará, como a transgressão que a *Vitória Travesti* causa em um bando de macho. Condições, essas, apontadas por bell hooks (2019) como necessidades às novas formas de teorizar.¹³

235

Eu, me entendendo como *pesquisa* e “antagonista na sala de aula”, sinto que é necessário abandonar essa escrita. Decido “recuar” da tentativa de traduzir a experiência que uma pesquisa em artes, na pós-graduação, partindo de uma metodologia contraditoriamente indisciplinada teve em minha vida. Recuo “motivada por uma impotência”¹⁴ gerada pelos embates às práticas e produções de conhecimentos transvestigeneres.

(...)

[13] “insisti em que precisávamos de novas teorias arraigadas na tentativa de compreender tanto a natureza de nossa situação atual quanto os meios pelos quais podemos nos engajar coletivamente numa resistência capaz de transformar nossa realidade.” bell hooks (2019), p.93.

[14] bell hooks (2019), p.47.

E QUANDO A GENTE QUEBRA, QUE INFRAESTRUTURAS
SE PRECIPITAM, AS DO CUIDADO OU DO DESCARTE?
QUANTO TEMPO LEVA PARA SERMOS APAGADAS,
DEPOIS QUE AS PALAVRAS, LINGUAGENS E OS GESTOS
DEIXAM DE FAZER QUALQUER SENTIDO?
O QUE SOBRA DE UM CORPO NEGRO, QUANDO ELE
PRÓPRIO CONSENTE PERDER A BATALHA CONTRA O
MUNDO?¹⁵

236

O que acontece com a corpa de uma travesti que decide desistir de construir uma justificava para a pesquisa, dentro das fórmulas acadêmicas tradicionais? Que prefere agradecer a todas as travestis que me ensinaram a rasgar com a unha todas as adversidades impostas no nosso cotidiano. Às amigas que cuidaram de mim, durante todos os conflitos que foram enfrentados anteriormente e durante essa pesquisa de mestrado. Sempre combativas às transfobias, às *baixarias cis*, ensinando umas às outras a arte do deboche. Resistência entre amigas. As minhas filhas e melhores amigas da Casa de Olfenza (fig. 30); juntas em processos de transformação cotidianos, dispostas a cuidar e alimentar. Ficcionando futuros melhores para cada uma, seguimos em espaços de ocupação e acolhimento, pensando como podemos transformar nossas vidas com ações

[15] Jota Mombaça (2017)

afirmativas e combativas. *Nunca abaixando a cabeça pro opressor*. Me ensinando a importância de manter a garra e o amor como motivação, para seguir vivendo.

Às bixas, bixas-travestys, as pretas, as não-binárias que preenchem meu dia de existências complexas em uma sociedade reducionista e cisnormativa. Tais convívio me instigam a escrever com toda a emoção que resta ao se propor uma perspectiva subjetiva à uma ideia de conhecimento científico, acadêmico, institucional. Partilho desse espaço com tantas amigas que me faltam palavras para distribuir a cada uma, para que eu possa começar a transcrever o que carrego comigo, o que é entender minhas relações afetivas e nossas táticas transgressoras como a única possível prática enquanto teoria, arte ou seja qual for o conteúdo desse trabalho.

237

À minha família de onças, à bixa que comigo constrói diariamente palavras de amor, à todes que provaram com o corpo minhas lágrimas e cuidaram das feridas que adquiri ao encarar o processo do mestrado. Essa pesquisa é vocês. Somos nós. Mesmo sendo maiores e merecendo mais. É emocionante ouvir a deputada Erica Malunguinho pronunciar “AS PESSOAS EXISTEM, QUER VOCÊ QUEIRA QUER NÃO. EU EXISTO, QUER QUEIRA QUER NÃO”.¹⁶ E

[16] Fala da deputada Erica Malunguinho, no minuto 59min49s

com a mesma emoção, com a garganta fechada, os olhos cheios e os dentes afiados, escrevo sorrindo:

Este trabalho existe, quer queira quer não.